

SESSÕES DO PLENÁRIO

9ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 5 de maio de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROSEMBERG PINTO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em comemoração aos 9 anos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Quero agradecer a presença de cada um de vocês e dizer da alegria da Assembleia Legislativa em recebê-los aqui neste momento extremamente importante para comemorarmos juntos essa universidade que resistiu durante 6 anos. Foi uma perseguição significativa, em especial aqui na Bahia, mas ela resistiu, e aqui está a prova concreta dessa resistência.

Por isso, eu quero convidar para a Mesa a nossa querida secretária estadual de Educação, que representa, neste ato, o governador Jerônimo Rodrigues, Adélia Pinheiro; convidar também a nossa querida, que eu continuo chamando de reitora da universidade, Mírian Sumica Carneiro Reis; e a nossa querida vice-reitora da Unilab, Cláudia Carioca, que é só no nome, porque ela é baiana.

Queria convidar aqui também o Sr. Aécio Passos Duarte, Magnífico Reitor do Instituto Federal Baiano, eu não vou chamá-lo pelo apelido porque ele não me autorizou, senão eu falaria, porque está muito vinculado com essa área rural. Queria convidar também a Sr.^a Mônica Aragão, coordenadora do Núcleo de Atuação Estratégica da Defensoria Pública, neste ato representando a defensora pública-geral, Firmiane Venâncio do Carmo Souza; a nossa querida representante do Diretório Central dos Estudantes do Campus dos Malês da Unilab, Sueide Menezes.

Chamar também o representante dos técnicos administrativos do Campus dos Malês da Unilab, o Sr. Marcus Vinnícius Soares Dias; o representante dos estudantes egressos do Campus dos Malês, Iuri Rosário; e uma saudação especial, queria convidá-lo a vir aqui, ao professor e vereador da cidade de São Francisco do Conde, o aniversariante do dia Marivaldo do Amaral. (Palmas)

Pessoal, neste momento, depois de compor a Mesa, vamos ouvir a execução do Hino Nacional com o grupo Tico-Tico no Dendê, não é Tico-Tico no Fubá, é Tico-Tico no Dendê. Peço a todos para ficarem de pé.

Antes de ser tocado o Hino Nacional, queria aproveitar e convidar, para estar aqui também na Mesa, o presidente da Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde, o vereador Pantera. (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Gostaria que todos permanecessem de pé para que a gente pudesse também ouvir um hino plural que representa essa comunidade.

(Procede-se à execução de hinos dos Estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Podemos nos sentar. Eu acho que, pelo menos os países que compõem... Se faltou algum, não cobrem de mim.

(Intervenção fora do microfone.)

Todos, não é, Mírian?

Eu quero, neste momento, convidar aqui duas mulheres, queria ver se tem cadeiras suficientes, se não tiver... Elas são extremamente importantes nessa caminhada, não que as outras não sejam, mas elas têm uma simbologia muito grande. Primeiro, a secretária de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, Ângela Guimarães, quero chamá-la aqui; eu quero chamar também a minha querida amiga ouvidora-geral do estado da Bahia, madrinha, Arany Santana.

E eu quero pedir ao Grupo Tico-Tico no Dendê que não saia, não, fique um pouquinho aí, que eu quero... Esta sessão tem que ser animada, alegre, e eu quero pedir, daqui a pouquinho, uma música.

Convido a minha querida deputada Neusa Cadore para vir aqui. Neusa Cadore é uma dessas mulheres fantásticas, deputada estadual já de cinco mandatos, que cumpre uma tarefa para além de todos nós, uma mulher que vem de uma origem religiosa, cuida das pessoas como uma forma de doação e é nossa deputada aqui nessa área de direitos humanos. Eu queria, minha querida... Não, fique aqui no meu local, que eu vou aproveitar para fazer um dedinho de prosa com o pessoal. Pode ser assim?

Neste momento, eu queria... Cadê Neusa? Sente-se aqui, Neusa, no meu lugar.

(A deputada Neusa Cadore assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Cadore): Bom dia a todos e todas, concedo a palavra, neste momento, ao deputado proponente desta sessão solene, deputado Rosemberg Pinto. (Palmas)

O Sr. ROSEMBERG PINTO: Um bom dia a todas, a todos, quero falar da alegria de tê-los aqui, saudar as servidoras, os servidores, saudar todos os convidados no Plenário e nas galerias, dizer da alegria desta sessão especial, pedir desculpas em nome do presidente da Casa, que não pôde estar presente, mas me pediu que transmitisse aqui as suas desculpas por não poder participar de uma sessão internacional. Porque esta é uma sessão que não é nacional, é uma sessão internacional, talvez a primeira sessão especial internacional que nós estamos fazendo na Assembleia Legislativa da Bahia. (Palmas)

Eu quero saudar e agradecer ao nosso governador, Jerônimo Rodrigues, que tem um carinho especial pela cidade e pela Unilab, aqui representado pela nossa querida secretária de Educação, Adélia Pinheiro; saudar a minha querida amiga Ângela, que bom que você veio, eu sei que você estava com a agenda apertada, mas fez questão de vir porque está exatamente na sua pasta esse trabalho que a gente tem que fazer todos

os dias. Isso não é uma questão de sessão especial, todos os dias nós temos que combater o racismo e a desigualdade neste país tão desigual.

Saudar minha querida amiga Mírian Sumica; amiga Arany Santana, ouvidora, não se preocupe, não, que eu vou orientar todo mundo aqui a fazer denúncias lá para que você cuide de alguns problemas que estão acontecendo. Saudar Cláudia Ramos Carioca; querido Aécio Passos Duarte, reitor do Instituto Federal Baiano; querida amiga e defensora Mônica, leve um abraço para Firmiane; Antônio Santos Lopes, o Pantera, presidente da Câmara de São Francisco do Conde, que neste ato representa o prefeito Antônio Calmon.

Quero saudar a querida jovem que representa os estudantes do Campus dos Malês, Sueide Menezes; Marcus Vinnícius Soares Dias, técnico administrativo e diretor; o estudante Iuri Rosário, meu querido amigo Iuri, que hoje cumpre uma outra tarefa no estado, mas fez questão de estar aqui para comemorar esses 9 anos; minha querida deputada Neusa Cadore; e o aniversariante do dia Marivaldo do Amaral.

Ao longo da sessão, eu vou saudando as pessoas que estão aqui presentes, vereadora Ró; Sônia; saudar Vanessa porque se eu não fizer isso também, além de ser indelicadeza, ela vai me cobrar em casa, mas eu vou fazer a saudação depois, oficialmente, ali na mesa.

Mas, queridos amigos e amigas, as minhas sessões especiais são sessões alegres, por isso que eu pedi para o grupo Tico-Tico no Dendê ficar um pouquinho, porque nós precisamos cantar. Vocês viram ali que eu quase fui cantar o Hino Nacional ao ritmo deles, eu quero ser alegre, e este é um momento de alegria, é um momento de reflexão, mas de alegria, são 9 anos de universidade, 6 deles de resistência, e a universidade não é algo estático, ela é composta de pessoas.

Então, essa resistência é de vocês, é resistência coletiva, para que a gente possa estar aqui hoje defendendo e comemorando 9 anos de uma universidade que cumpre um papel especial para o Brasil.

Nós agradecemos a cada um de vocês porque, para além dessa universidade ser uma espécie de reparação, ela também é uma espécie de universidade que coloca todos os dias, no coração da gente, a necessidade de desmistificar a formação da sociedade brasileira.

É uma sociedade que sempre foi contada pelos livros a partir do viés europeu, ao passo que as mais importantes contribuições em todos os segmentos, seja na construção física, seja na cultura, na intelectualidade, foram do povo negro que veio para aqui construir este Brasil tão discriminado, e ainda continua sendo. (Palmas)

Então, eu quero saudar todos aqui presentes em nome da diretora do Campus dos Malês, minha querida professora doutora Mírian Reis, e em nome do aniversariante do dia Marivaldo do Amaral.

(Lê) “A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) é, antes de tudo, uma reparação histórica do nosso povo com a África.

Uma universidade criada como ação de reparação pelos danos sociais provocados pela escravidão é também um lugar de reconstrução da identidade

brasileira porque se propõe a pensar o Brasil a partir do legado africano para o povo que aqui se constituiu. Este Brasil, que tem mais da metade da sua população autodeclarada negra, ainda é estruturalmente racista, e uma universidade negra, brasileira e africana é uma convocação para o combate ao racismo e a construção de uma efetiva democracia racial.

Precisamos combater o racismo e sermos antirracistas em todas as suas formas...” Ou seja, nós não temos só que falar, nós temos que praticar, essa é a tarefa nossa diária com relação a essa situação da discriminação que vivemos.

(Lê) “(...) Em maio de 2014, foi inaugurado oficialmente, no município de São Francisco do Conde, o Campus dos Malês da Unilab, única instituição com este perfil implantada no estado da Bahia.

A escolha por este território não foi aleatória. Nessa região majoritariamente negra e profundamente marcada pelo legado africano, é evidente a valorização dos costumes e do sentimento de pertencimento refletidos nas manifestações culturais e na manutenção das suas tradições, aspectos esses fundamentais para atender aos princípios propostos e defendidos pela Unilab.

São Francisco do Conde acolheu a Unilab porque entendeu como a educação pode gerar um desenvolvimento humano muito mais duradouro. Nesse quesito, nossa saudosa prefeita Rilza Valentim, negra, foi uma mulher que teve um papel especial...” (Palmas)

(Lê) “(...) A Unilab foi criada no melhor momento, quando a educação superior no Brasil se expandiu a partir do aumento de investimentos em ciência, tecnologia e cultura e do número de instituições federais de educação superior (ampliação das existentes e criação de novas unidades).

Foi um momento em que a Cooperação Sul-Sul, com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental, foi valorizada, apoiando o potencial de colaboração e aprendizagem entre países como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior, especialmente nas gestões dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.

Esses 9 anos são um grão de areia diante da imensa contribuição que a Unilab nos apresenta nesse contexto histórico de reparação e compromisso com a educação.

Quero parabenizar todo o corpo docente e discente, me colocar à disposição para o diálogo sobre a autonomia do Campus dos Malês e ser um interlocutor diante dos desafios que se apresentam. São 9 anos, mas ainda estamos apenas engatinhando e precisamos ter o compromisso do fortalecimento da Unilab, bem como defender a sua expansão para que possamos ter experiências como essa em diversos cantos da Bahia.

A educação é o melhor caminho para transformar a nossa Bahia e o nosso Brasil...”. Aqui eu não poderia deixar de agradecer à gestão iniciada por Rilza, continuada por Evandro e agora com o prefeito Calmon, por colocar aquele prédio à disposição da universidade.

Minha querida Arany, é um prédio municipal. Lamentavelmente, esses dois governos que sucederam a presidenta Dilma, que foi tirada de uma forma

extremamente cruel, esses dois governos, um de 2 anos e o outro de 4 anos, não colocaram um tijolo sequer em uma construção que já estava posta. Nós poderíamos estar para além desses cursos, com o curso de Medicina, com diversos outros cursos na nossa universidade, na Unilab, e transformar aquela cidade em um potencial grandioso de cultura e de educação.

Então, eu quero aqui dizer para vocês: nós precisamos, juntos, convidar novamente o presidente Lula para voltar aqui na universidade (palmas), para que ele possa dizer aqui que ele vai dar continuidade àquela construção. E não é só a construção física, porque transformar a gente transforma em qualquer local, mas é exatamente a reconstrução de uma relação que foi interrompida durante 6 anos, é entender que nós precisamos, todos os dias, debater, reparar aquilo que foi cruel no passado, mas também nos conscientizando de que precisamos deixar um legado de crescimento e desenvolvimento para quem construiu esse Brasil.

Para a nossa região do Recôncavo, minha querida professora Adélia, é preciso que se tenha um olhar especial. É a centralidade da construção dessa cultura originariamente da África, e nós precisamos trabalhar essas questões com carinho, com gosto e com desenvolvimento.

Quando eu pedi a Vanessa que ela fosse para Cachoeira, e fosse para lá não com o olhar da política, mas com o olhar da cultura e do desenvolvimento, com a Fundação Hansen Bahia, foi para que a gente pudesse dar, todos os dias, a nossa contribuição para o Recôncavo Baiano. Foi para que a gente pudesse, dali, expandir o que tem de glorioso na construção da cultura, dos costumes e da tradição que a África deixou para os brasileiros.

Então, é com isso que eu quero encerrar aqui, dizendo o que falava Paulo Freire: (Lê) “‘Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor’”, e não queremos opressores nem oprimido, queremos democracia e educação de qualidade para todos nós.

Parabéns a todos, todas e todes, todos os envolvidos, viva a Unilab, 9 anos de alegria! Se é para a gente estar com alegria, vamos ouvir uma musiquinha do nosso grupo que está aqui. Pode escolher aí, André, *Sapato Novo*, *Tico-Tico no Fubá*, o que vocês quiserem, porque disso eu conheço, de chorinho eu conheço, e conheço pelo nome, e sei quem escreveu.

(Não foi revisto pelo orador.)

(O deputado Rosemberg Pinto assume a presidência da Mesa.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Olha aí! Está vendo que coisa maravilhosa! Isso é o nosso mais atual chorinho, porque a gente... Eu fico meio preocupado com o lugar para onde vamos, eu fui à Unilab outro dia e vi os meninos tocando, foi uma belíssima apresentação no dia em que Jerônimo esteve lá, e eu fiquei depois me perguntando... O prefeito de Itororó me ligou ontem à noite porque vai ter uma festa do Dia das Mães, é tradição na minha cidade, cidade em que eu nasci, Itororó, fazer uma festinha, no Dia das Mães, num distrito chamado Rio do Meio.

E o prefeito me ligou porque ele queria uma grande atração nesse dia, porque é uma festa importante, eu também acho, e aí ele me deu algumas alternativas. Quando eu li as alternativas – e não vou dizer a vocês quais foram para não ser indelicado –, eu disse a ele: “Olhe, eu acho que é um desserviço para a sociedade, porque vivemos, do ponto de vista cultural, um empobrecimento violento, do ponto de vista do olhar musical”.

Este país precisa mudar muito, inclusive do ponto de vista da música. Quero parabenizar aqui o Tico-Tico no Dendê, e não saiam, não, porque eu estou pensando em levar vocês para tocarem no Dia das Mães lá em Itororó. (Palmas)

Neste momento, eu queria passar a palavra...

(Intervenção fora do microfone.)

Ah, temos o vídeo institucional? Olhe aí, está vendo, eu já iria me passar aqui... Temos um vídeo institucional a ser exibido aqui rapidinho, e depois nós vamos para as nossas falas.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Beleza! Essa é a nossa Unilab.

Eu vou saudar todas as pessoas logo depois, mas eu queria fazer uma saudação especial a esse meu colega de universidade, extremamente importante para a minha formação política, Ademário, ex-presidente do PT de Salvador, mas sempre presidente (palmas), defende comigo as mesmas ideias.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Eu queria, neste momento, conceder a palavra à nossa querida, vamos começar aqui pelos estudantes, Sueide Menezes, que vai falar em nome do Diretório Central dos Estudantes do Campus dos Malês. Vamos, Sueide? (Palmas)

Você vai falar ali, porque deputado fala ali e você vai falar ali também.

A Sr.^a SUEIDE MENEZES: Primeiramente, eu estou muito nervosa. Eu nem esperava falar, mas, tá.

Na pessoa do proponente da sessão, deputado Rosemberg, saúde os demais membros da Mesa.

Então, meu nome é Sueide Menezes. Atualmente eu estou como representante discente do Diretório Central dos Estudantes, e sou estudante do curso de Licenciatura em História da Unilab. Quando eu cheguei me perguntaram: "Sueide, por que você foi para a Unilab, por que São Francisco do Conde?" Eu sou de Lauro de Freitas, mas eu fui para a Unilab por causa do projeto pedagógico da Unilab. Eu sempre me questioneei o porquê que eu não estudava a história dos meus, na perspectiva dos meus, na escola. E quando eu cheguei à Unilab vi uma universidade majoritariamente negra. E foi na Unilab que eu estudei Filosofia Africana com a professora Elísia; foi na Unilab que eu conheci o Paulo Freire com a professora Carla Verônica; foi na Unilab que eu fiz amizades com colegas de Angola, de São Tomé e Príncipe, com colegas de Cabo Verde, com colegas de Guiné-Bissau. Mas essa não é só a realidade de Sueide, é a realidade de mais de mil estudantes da Unilab Campus dos Malês.

A gente fala que Malês ele existe e ele resiste. Eu sou extremamente grata à Unilab por tudo aquilo que a gente aprende diariamente. E mais uma vez eu digo: não é só Sueide, são todos os estudantes.

E é isso, gente. Eu estou muito nervosa. E só mais uma coisa, eu peço desculpas se a minha fala não contemplou todos os estudantes, eu não fazia ideia de que eu teria uma fala. Mas a gente está em constante aprendizado e o Paulo Freire diz que a educação vai além da sala de aula, e eu estou aqui, aprendendo cada vez mais.

E é isso, obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Sueide, você contribuiu e contribui bastante.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Mas eu quero também, em nome dos estudantes... porque estão falando aqui um brasileiro, uma brasileira, mas eu também quero alguém de fora, senão fica parecendo... se a gente não bota, fica parecendo que a gente quer manter lá a nossa tradição de ser o brasileiro e tal.

Então, quero chamar o estudante Jacque Mário, de Relações Internacionais. Cadê o Jacque?

O Sr. JACQUE MÁRIO ALMEIDA IÉ: Bom dia.

Como fui apresentado, eu sou Jacque Mário Almeida Ié, de Guiné-Bissau. Sou estudante do curso de Relações Internacionais no Campus dos Malês da Unilab.

Eu fui chamado de surpresa, né?

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Aqui é assim, meu amigo, Se prepare!

O Sr. JACQUE MÁRIO ALMEIDA IÉ: Então, eu gostaria de agradecer por esta surpresa, agradecer também aos professores e professoras que estão aqui presentes, aos colegas estudantes e demais convidados. E dizer que no Campus dos Malês hoje a gente está celebrando 9 de anos de existência, de resistência.

É um campus, como a colega Sueide falou aqui, que representa a diversidade não só da África, mas também a diversidade que constitui a identidade brasileira. Eu gostaria de que as universidades brasileiras, sobretudo as universidades que fazem parte do estado da Bahia, tivessem essa configuração desta sala aqui (palmas), porque dá para perceber que esta sala representa o que é a Bahia e o que é a formação da identidade brasileira. Por que eu digo isso? Porque é uma sala que está repleta não só de pessoas pretas, mas de pessoas de todas as identidades e de classes econômicas que pudermos pensar... classes sociais.

Então, muito obrigado ao pessoal que está presente e a toda comissão organizadora que está por trás dessa atividade. Agradeço do fundo do coração em nome dos estudantes do Campus dos Malês, sobretudo dos estudantes de Relações Internacionais, para dizer que Campus dos Malês é um campus que me formou no curso de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades, e hoje estou me formando no curso de Relações Internacionais, sendo representante de classe de discentes desse curso. E quando eu estou aqui falando é em nome desses estudantes e dos professores e professoras que me formaram. E quando eu agradeço aos professores desse campus, não me limito só a agradecer aos professores desse campus, mas a todas as pessoas que

dedicam suas vidas, sua inteligência para formar uma sociedade equilibrada. E quando a gente vai falar de sociedade equilibrada, o Campus dos Malês é um campus que representa essa competência, essa vontade de pessoas que querem formar as pessoas que possam contribuir para o equilíbrio de relações étnico-raciais, sobretudo.

Então, muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, valeu Jacque.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Pessoal aqui, se vire para arrumar uma cadeira para ele, que eu quero ele aqui em cima com a gente. Jacque, venha para cá.

Eu queria saudar a presença aqui da assessora da UFRB, Mariana Balen Fernandes; da Sr.^a Mariana Silva Rezende, oficial da Chancelaria, escritório do Itamarati na Bahia, representando o chefe do escritório, Celso Jaú da França; saudar o advogado Vivaldo Amaral; da Sr.^a Renilza Fernandes Melo, vereadora do Município de São Francisco do Conde; saudar o Sr. Rafael Nogueira, vereador do Município de São Francisco do Conde; saudar o vereador Siul Lima Rodrigues; o querido vereador, da cidade de Itambé, Paulo Rucas Achy; a Sr.^a Sabrina Rodrigues, professora da Unilab; Sr.^a Rosângela Valentim, vereadora do Município São Francisco do Conde, conhecida como Ró e que é irmã de Rilza Valentim; a Sr.^a Maria Sônia Silva, vereadora do Município de São Francisco do Conde; saudar também o nosso vereador, que acabou de chegar, Luís "Me Abrace", também conhecido como Luís de Campinas; saudar também a Sr.^a Marta Lícia Teles Jesus, presidenta da Apub, e o professor da Ufba Pedro Abib.

Na caminhada aqui o nosso querido presidente da Academia de Letras de São Francisco do Conde, Zé Raimundo. Zé, não vou abrir mão de que você encerre, fazendo uma poesia aqui para todos nós, viu? Porque é um poeta extremamente importante da nossa cidade de São Francisco do Conde.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu concedo a palavra ao nosso querido Iuri Rosário, ele que foi estudante do Campus dos Malês, para fazer uma saudação. (Palmas)

O Sr. IURI ROSÁRIO: Bom dia a todas e a todos.

Na pessoa do proponente da sessão, deputado Rosemberg Pinto, gostaria de agradecer por esta atividade; também na pessoa da minha secretária da Educação, professora Adélia Pinheiro, que representa aqui o nosso governador, professor Jerônimo Rodrigues, gostaria de agradecer a todas as autoridades da Mesa.

Bem, foi muito bom ouvir Sueide e Jacque antes de mim, porque, como temos pouco tempo, a gente vai complementando a fala um do outro.

Eu, como estudante da primeira turma da Unilab, lá em 2014, quando as aulas começaram, em 26 de maio de 2014, há 9 anos, não esperava que hoje eu fosse ser a pessoa que eu sou, o primeiro jovem negro da minha família a se formar numa universidade pública e federal, o primeiro estudante brasileiro do curso de Relações Internacionais da Unilab. Na minha turma, éramos 19 e eu era o único brasileiro. E, com tudo isso, agradecer pela formação que nós recebemos no Campus. Então, cada

um foi falando um pouquinho, aí, eu não vou precisar repetir. Mas assim que eu encontrei a professora Cristiane, ela me falou: “É... 9 anos”. Lá atrás era somente uma semente e, hoje, o projeto da Unilab tem essa proporção e com essa estrutura, muito embora não a tenhamos física, mas tem muita vontade de se fazê-la muito maior ainda.

E com todo esse meu discurso, que também vai ser breve, eu gostaria de falar... não vou falar em nome, mas em representação de dois grandes estudantes que fizeram parte... são os estudantes que fizeram parte do primeiro edital específico para comunidades quilombolas e indígenas, a colega Pedrina Rosário e o outro colega Adelson Caimbé. (Palmas) E convidar o senhor, deputado, para mais uma vez estar junto conosco. Nós precisamos fazer com que aquele Campus da Unilab se torne múltiplo. Temos espaço, só falta verba. E eu tenho a certeza de que nesse novo governo, depois de 6 anos, há grandes possibilidades da Unilab se tornar uma das maiores universidades do Brasil. Eu acredito muito nisso, porque, desde 2014, quando eu fui aprovado na Uneb em primeiro, decidi não ir, e em seguida fui aprovado na Unilab... Não tinha muito material sobre a Unilab na internet, porque era um campus novo, era uma universidade nova, ainda estava abrindo o campus no estado da Bahia, mas eu acreditei. Não somente eu, mas tantos outros colegas que estão aqui, de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de São Tomé e Príncipe, de Moçambique. Ainda não temos colega timorenses, mas faz parte do projeto estrutural da Unilab.

Mas eu convido o senhor, deputado Rosemberg Pinto, para que, junto com os deputados e deputadas desta Casa, se faça mais presente no nosso campus e que se aproprie desse projeto como um projeto baiano. Que também lutaremos para que essa autonomia que o senhor comentou aqui ela se efetive e que não só cursos de Medicina, porque a Unilab é muito mais do que isso... A gente fica querendo muito o curso de Medicina, mais a Unilab é muito mais do que isso. É isso. Muito obrigado a todos e a todas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Iuri.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Olha, eu estou a cada dia... Eu estou construindo a Mesa à minha cara, viu? Eu quero agradecer pela presença à deputada Fátima Nunes, mas ela vai ter de sair neste momento porque ela fez um procedimento cirúrgico. Veio aqui para prestigiar este momento. Fátima, eu quero lhe agradecer, você, como mulher batalhadora, deputada de todos nós aqui, pela presença. Desde já quero agradecer.

Mas eu quero chamar para o lugar dela uma outra mulher. Você vai ser substituída por uma mulher que não é brasileira, viu? Então, eu quero chamar aqui a professora Rutte Andrade, de Cabo Verde, coordenadora do Centro de Estudos Africanos. (Palmas)

Obrigado, Fátima.

Quero, aqui, anunciar, e já está na Mesa com a gente, a nossa querida deputada Olívia Santana (palmas), que é a presidenta da Comissão de Educação da Assembleia

Legislativa da Bahia. Antes de passar para o próximo orador... Fátima pediu para sair, pode sentar aí no lugar dela. Obrigado, querida, obrigado, Fátima.

Queria saudar, aqui, numa homenagem justa, os professores e professoras da Unilab: Tacilla Siqueira Santos, Cláudio André de Souza – palmas, gente! – (palmas), Carla Beatriz Martins, Ana Cláudia Gomes de Souza, Miss Spear Soares, não sei se o nome é assim, Andréia Silveira, Carla Verônica, Maria Cláudia Ferreira, Eric Brasil, Zelinda Barros, Elísia Ferreira, Carlos Guerola, Juliana Dourado Bueno, Márcio André Santos, Ivete Carrascal, Shirlei Freitas, Cristiane Santos Silva, Alexandre da Silveira, Claudilene Silva, Isabela Alves, Leila Machado, e os convidados, aqui, Glaucimara Dantas, Osvan Ramos, Marcos Martins Santos, Monique Martins e Vanessa Dantas, que eu convidei também, que é a minha esposa, não é? Eu vou saudando todas as pessoas ao longo da sessão. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Então, neste momento, eu queria passar a palavra, para uma breve saudação, ao querido amigo Marcos Vinícius Soares Dias, representante dos técnicos administrativos do Campus dos Malês. (Palmas)

O Sr. MARCOS VINÍCIUS SOARES DIAS: Bom dia, bom dia a todos e todas. Na pessoa do proponente desta sessão, caro deputado Rosemberg, eu saúdo os demais membros da Mesa, professora Miriam, professora Cláudia Carioca e os demais membros, assim, representantes da nossa educação, da educação baiana e federal.

Bom, eu quero agradecer, principalmente, pela oportunidade de falar em nome dos técnicos administrativos do Campus dos Malês, que são os operadores dos bastidores, são quem fazem, realmente, algumas coisas, algumas das mágicas que nós vemos lá no palco acontecerem.

Agradecer pela oportunidade de estar aqui representando a cada um colega, a cada uma colega, e os colegas que estão aqui presentes Elka, Nádia e Leila, Reinaldo também, Vanessa estou vendo ali em cima.

E dizer a todos, todas que 9 é um número, segundo a Cabala, de fechamento de ciclo, o que significa, em outras palavras, para quem estuda um pouquinho mais a fundo a ciência esotérica, a oportunidade de nós fazermos o levantamento daquilo que já foi construído, daquilo que já foi alcançado e propor novos objetivos, novas oportunidades, novos momentos para esse ciclo que vai se iniciar a partir do momento em que, principalmente, todos nós, todas nós tomarmos consciência da possibilidade de sermos, de fato, de forma consciente, agentes da nossa realidade.

É certo que nós precisamos, em muita medida, de várias decisões externas, isso é verdade, mas é certo também que para nós, não por acaso, por várias avaliações que já ocorreram dos cursos, dos quais vários desses tiveram nota máxima, é possível conquistarmos cada vez mais os nossos objetivos, tanto dos pontos de vista docente, acadêmico, extensão e pesquisa quanto do crescimento institucional que o Campus dos Malês tanto precisa.

Nós somos parte de uma instituição maior, a Unilab, uma instituição que já vem crescendo a grandes braçadas, ainda bem. Nós, agora, precisamos também enredar, trazer novos fluidos, novas medidas desse crescimento para o nosso campus que hoje,

com certeza, vem trazer mais essa pedrinha, essa joia rara para a cultura acadêmica do estado da Bahia.

Eu quero agradecer pela oportunidade, mais uma vez, e dizer que é um prazer, todos que me conhecem sabem disso, atuar no Campus dos Malês como engenheiro civil. E eu vejo esses movimentos aqui como uma situação bem simples. Eu, como engenheiro civil, tenho que falar sobre isso, vai ser rápido, eu garanto. É como a água, deputado, aos pouquinhos, aos pouquinhos, daqui a pouco ela não é mais contida em nada porque ela é muito mais forte do que algumas forças físicas que, às vezes, tentam embarrear o seu curso, a sua descida para o nível mais baixo, que é o oceano.

Então, assim, eu quero agradecer de novo e dizer que o Campus dos Malês vai continuar, sim, crescendo e cada vez mais ganhando curso ao longo desse leito que cada vez mais é absorvido na nossa realidade baiana.

Muito obrigado e bom dia a todos e todas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, querido Marcos Vinícius.
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, deixem-me anunciar, aqui, mais um... Rapaz, aqui nós estamos com a Câmara de Vereadores completa, certo? E eu tenho que anunciar, porque vem eleição aí e eles têm de fazer a propaganda deles porque vem a eleição, aí, no próximo ano. Então, quero anunciar, e agradecer pela presença, Daoana, vereadora da nossa querida cidade de São Francisco do Conde; Lorena, também presente; Luis de Nem, que eu vi que acabou de passar aqui. Luís de Campinas eu já anunciei. Esse povo parece que está querendo mais coisa com Luís, toda hora me manda anunciar. Muriel também acabou de passar aqui; Ubirajara da Silva, que é o nosso chefe do Recursos Humanos da Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde. For chegando aí, vocês vão mandando para cá, para eu anunciar, porque aqui todo mundo tem de ser anunciado.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Eu queria, neste momento, conceder a palavra, eu vou intercalar aqui, a essa deputada que está aqui com a gente, para fazer uma saudação. Ela é extremamente importante para todos nós aqui, na Assembleia Legislativa. Em nome de todos os deputados, vou colocar duas deputadas para falar. A primeira, minha querida Neusa Cadore.

A Sr.^a NEUSA CADORE: Bom dia a todas, todos e todes. Eu quero saudar o deputado Rosemberg, parabenizar. Ele destacou muito bem, nós temos a alegria, o privilégio de receber aqui, na Casa, um evento internacional cheio de energia. E só essa alegria, essa vibração de vocês dá testemunho, professora Míriam, a quem eu quero cumprimentar – cumprimento todas as mulheres da Mesa cumprimentando a senhora –, para nós da importância, do significado, da singularidade dessa experiência que vem sendo construída. Saúdo toda a Mesa. Queria agradecer a todas as pessoas que aqui falaram, que nos emocionaram desde os hinos que foram cantados aqui.

Eu me lembro hoje da grande vitória, e a Bahia foi muito importante nessa disputa, que foi a gente trazer de volta o presidente Lula, que deu oportunidade para que a gente saísse de uma universidade, desde séculos, para seis universidades, e uma

delas é a Unilab, uma experiência que é muito significativa num país que teve mais de quase 4 séculos de escravidão, o que nos desafia cada dia.

Mas hoje é mais o momento de a gente exaltar a esperança, a resistência, e olhar para essa experiência tão exitosa e cumprimentar professores, alunos, colaboradores, parceiros, porque esse é um bom caminho de reparação, uma instituição que acredita no diálogo, na interculturalidade, no convívio, que deve ser um exercício muito novo a cada dia, mas mostrando que os povos do mundo podem sair dessa disputa, dessa necropolítica. E o presidente Lula também ousa, agora, questionar guerra, questionar a desigualdade, questionar a fome.

Então, assim, muito rapidamente, quero agradecer a vocês todos e todas, e dizer que vocês hoje trazem para nós uma mensagem muito forte de esperança: como o ser humano é capaz de descobrir novas formas de ser referência para o mundo.

Eu já visitei... eu sempre converso com Míriam... E aqui foi lembrado esse desafio. Nós sabemos que o último período foi de desconstrução, foi de cortes, foi de ataque às universidades, à educação, à ciência.

Mas contem conosco, o deputado Rosemberg já é um grande defensor, para que, neste momento, a gente também esteja cobrando o que a Unilab e as instituições de ensino superior merecem para darem a sua contribuição e garantir o acesso à educação de qualidade.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, minha querida deputada Neusa, e agradeço imensamente pela presença e por suas palavras.

Neste momento, eu concedo a palavra ao nosso magnífico reitor do Instituto Federal baiano, Aécio Passos, que aqui representa também, para além dele, um time de ex-professores, alguns viraram reitores, outros viraram governador do estado, outros, deputados federais, secretários e secretárias. Era o grupo Jubiabá. Então, fale também em nome dele, meu querido Aécio.

O Sr. AÉCIO PASSOS: Bom dia para todas as pessoas. Eu gostaria de cumprimentar o deputado Rosemberg; fazer um cumprimento muito especial à professora Adélia; um abraço muito forte e fraterno à professora Míriam, e na pessoa dela cumprimento toda a composição da Mesa; as deputadas Neusa Cadore e Olívia.

Hoje é um dia em que eu vim aqui fazer uma visita e estou embasbacado, este é o termo. Estou muito honrado e com muita alegria por estar participando deste momento. Eu represento o Instituto Federal Baiano, um dos institutos federais, também por força do trabalho e da representação, deputada Neusa.

Além das universidades que foram acrescidas, os nossos dois institutos também foram acrescidos à Bahia, à gama de oportunidades educacionais da Bahia: o Instituto Federal da Bahia e o Instituto Federal Baiano, o qual eu represento. O nosso Instituto Federal Baiano é essencialmente agrícola e está em 14 municípios do estado da Bahia, tendo a responsabilidade de cuidar de quase 18 mil alunos. Sinto-me, realmente, muito

honrado em participar deste dia ao ver a importância e a representatividade deste momento, a simbologia deste momento.

Depois que o estudante Jaque falou, eu acho que não precisaria mais ninguém dizer nada quando ele pediu que os bancos, as salas e as classes das universidades fossem o que a gente tem aqui hoje: o mais diverso possível.

Aqui, eu fico pensando em quão enorme, o quão é difícil, até, de acreditar e de conceber a responsabilidade da Unilab: a reparação histórica de que todos falam aqui. Tempos atrás as pessoas vinham da África para fazer parte de uma das mais vergonhosas situações históricas que pudemos viver nesse país, hoje, vêm para compartilhar cultura, para atender às suas expectativas, atender aos seus anseios, a trazer a sua cultura, a interagir com o nosso país, com outros países e alimentar os seus corações.

É uma responsabilidade muito grande e eu me sinto honrado demais por estar participando, de o nosso Instituto Federal Baiano estar participando, ter a oportunidade de estar participando deste dia.

Muito obrigado a todos! Parabéns à Unilab! Parabéns à Bahia! Parabéns ao presidente Lula por ter oportunizado isso a todos nós. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Valeu! Obrigado, meu querido Aécio!
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Vou fazer uma “pausazinha” aqui para a gente ouvir uma poesia, não é? Para a gente tomar um arzinho. Então, eu vou chamar pelo nome artístico, que é Jotta Fonseca. Nos apresente aqui um brinde! E também egresso da Unilab.

O Sr. JOSÉ RAIMUNDO FONSECA: Exatamente. Fico muito feliz por estar aqui, nesta minha Casa, que é a nossa querida Unilab.

Peço licença ao meu querido deputado Rosemberg para saudar todos os presentes na Mesa na pessoa da minha querida Mírian. Saúdo todos os meus colegas, os meus professores, a minha queridíssima professora Sabrina, minha orientadora de trabalho de conclusão de curso, os meus colegas da Unilab. Saúdo todos, os que lá estão, com um poema, escrito por mim, para recebê-los e acolhê-los a todos os que chegam à nossa São Francisco do Conde.

Agradeço ao deputado Rosemberg a oportunidade e a surpresa, pois, realmente, não estava preparado. Mas o deputado Rosemberg já ouviu, algumas vezes, o poema lá em nossa Câmara Municipal de São Francisco do Conde. Eu sei que ele gosta do poema – não é, presidente Pantera? –, pois ele sempre está lá também oportunizando recitar.

Este não é o meu lugar de fala, porque estou em Salvador, mas eu me sinto em São Francisco do Conde, recitando para vocês. O poema é chamado *A Joia mais preciosa*.

*Quão grande formosa e bela és São Francisco do Conde,
Das ruas que sobem e descem, das ilhas onde o sol se esconde,
Da Pedra Santa onde brota água tão abençoada,*

*Que sai do ceio da terra,
Desta Terra tão amada!*

*É lindo o amanhecer sentindo a brisa do mar,
Ver o sol no entardecer parecendo incendiar
A canoa que se esconde no horizonte a navegar.*

*Montado em um cavalo galopando sem parar,
Na estrada de Santo Amaro vou em Campinas apear,
Do Porto subir a serra pra do alto avistar:
A formação majestosa do rio encontrando o mar.*

*O apogeu da cana nos deixou recordação,
A Fazenda Engenho D'Água, a usina Dom João...
Do legado sacrossanto se destaca um monumento:
A singular arquitetura da Igreja do Vencimento.*

*Do alto do Monte o Recôncavo em frente da igreja eu via:
A mais bela das paisagens desse braço da baía.
Daquele ponto o mais alto meu Senhor abençoou:
A Joia mais preciosa, presente do Criador!*

*Uma tarde em Santo Estevão, é difícil descrever,
Mergulhar nas águas mansas, na areia branca correr,
Contemplar o sol se pondo fazendo tudo esquecer,
Momentos inesquecíveis de imensurável prazer.*

*Natureza preservada nas ilhas que a gente tem:
A do Paty, a das Fontes e Cajaíba também,
Reservas de mata atlântica, fauna e flora em harmonia,
Nessas ilhas ecológicas, quem não aventuraria?*

*A cada canto um encanto que marcou a nossa vida,
Cada igreja, cada santo, cada som, cada comida,
Cada qual sabe o quanto pode ser penosa a lida,
Mas que seja a cada dia nessa terra tão querida !*

*Quem aqui vem se apaixona
E não pensa em mais voltar,
Logo se vê envolvido com a vida do lugar,
Com o jeito simples de um povo que acolhe a quem chegar,
E escolhe para viver, não apenas pra morar.*

Quem dera meu Deus quem dera,

*Se pudesse reescrever
A história dessa vida e o destino escolher,
Lá no fundo de minh'alma o meu coração responde,
Nascer, viver e morrer em SÃO FRANCISCO DO CONDE!*

Obrigado a todos pela oportunidade. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Pessoal, eu fiz questão... Não disse a ele qual seria a poesia. Ele declamou, exatamente, a poesia que eu gostaria que ele fizesse, porque é nessa poesia que nós precisamos olhar a construção de São Francisco do Conde.

Quando ele fala dos monumentos como o Engenho d'Água, quando fala de Cajaíba, tem, ali, a participação do povo negro. E não foi com muita alegria que se fez aquela construção, Jotta. Eu sei a história do barão de Cajaíba. Deveria ser algo incontável, do ponto de vista da opressão e da perseguição ao povo negro que foi, para lá, a fim de construir a nossa querida São Francisco do Conde.

Então, eu acho que nós estamos fazendo este momento e este entendimento, mas, também, uma construção e um repensar da nossa história. Por isso, eu quero agradecer, exatamente, à sua poesia, mas, dentro dela, está uma parte que retrata aquilo que nós estamos discutindo, hoje, na Assembleia Legislativa da Bahia.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Eu queria, neste momento, conceder a palavra à nossa querida Mônica Aragão, defensora pública, representando Firmiane, a nossa querida defensora-geral da Bahia. (Palmas)

A Sr.^a MÔNICA ARAGÃO: Bom dia a todas, todos, “todes”! Está todo mundo cansado já. Bom dia, gente!

Participantes da sessão: Bom dia!

Na realidade, é só uma saudação mesmo.

Primeiro, é um agradecimento. Eu queria saudar a Mesa na pessoa do deputado Rosemberg, ao tempo em que agradeço o convite. Digo que a Dr.^a Firmiane não pôde estar presente neste momento, porque está acontecendo hoje, na Defensoria Pública do Estado da Bahia, mais precisamente, na nossa sessão do Conselho Superior, a escolha do nosso ouvidor-geral. Nós somos a única instituição do sistema de Justiça que teve a coragem de ter um ouvidor externo ou uma ouvidora externa à nossa classe. Então isso é muito bacana.

São os Conselhos de Direitos. Os candidatos, eles se inscrevem. Os Conselhos de Direitos votam. É formada uma lista tríplice. E o nosso Conselho Superior escolhe, segundo essa lista tríplice.

Então, a Defensoria mantém a sua tradição. Desde a criação da ouvidoria externa, deputado, nós, sempre, tivemos mulheres negras à frente dela. E, hoje, nós estamos lá. A lista tríplice é formada por duas mulheres negras e um homem negro, também, porque é assim que tem que ser.

A Defensoria Pública foi uma das primeiras instituições a implantar as cotas, para que o que Jaques falou, realmente, se realize. Infelizmente, eu tenho de dar um dado para vocês. Quando eu me formei na Ufba, em 1997, eu só tinha, na sala, uma

colega negra que virou minha amiga. As universidades federais deste país eram lugar de privilégio e foram criadas para manter as pessoas do privilégio.

Então não basta só ser antirracista. Nós temos de mobilizar as pessoas com atitudes antirracistas. As pessoas têm de se conhecer no lugar do seu privilégio e têm de lutar contra isso. Por isso, as cotas são necessárias. Eu estou encantada, deputado, com a Unilab. Já falei com a Dr.^a Firmiane. Não conheço a Unilab, mas quero conhecer. A gente quer levar a Defensoria Pública para lá.

Pantera, trago até um abraço do meu amigo e advogado Bruno Torres, que sei que é advogado lá.

Vamos levar a Defensoria para lá, seja com a UMA (Unidade Móvel de Atendimento), seja com palestras, com a educação em direito, que é o que a gente sabe fazer. Estamos à disposição.

Parabéns à Unilab! Desejo vida longa!

Que venham muitos mais anos e outras faculdades e outros cursos, e não só Medicina, Direito, porque nós precisamos que tenham advogados com essa visão que vocês trazem para a gente.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, querida Mônica.
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria passar a palavra à nossa deputada Olívia Santana (palmas), presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Sr. Presidente, colegas deputados e deputadas, é uma honra enorme estar nesta sessão especial em comemoração dos 9 anos da Unilab, na Bahia, no Brasil.

Quero, deputado Rosemberg, dizer que, além de V. Ex.^a ser presidente desta sessão, V. Ex.^a é também o nosso líder do Governo nesta Casa. Foi um grande desafio, de fato, para você, Míriam e para toda comunidade acadêmica da Unilab atravessar 6 anos de tirania. Foram 6 anos, Petrina, de tirania! Petrina, você é uma estudante quilombola, que eu conheço tão bem, que tem um trabalho tão bonito lá no Baixo Sul e conseguiu a oportunidade de fazer faculdade, minha querida ouvidora Arany, minha querida secretária Ângela Guimarães, quando a Unilab abriu as suas portas.

Deputada Neusa, este é um sonho que se fez realidade, a partir da vontade política, Dr.^a Mônica, do nosso grande presidente Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas) Lula foi o único presidente deste país que teve a coragem de admitir a tragédia da escravidão, o holocausto da escravidão. Lula foi à Ilha de Gorée, no Senegal, e pediu perdão ao povo, ao povo preto africano e da diáspora.

Houve segmentos da direita, obviamente, que criticaram o presidente, dizendo que as novas gerações não tinham responsabilidade sobre o colonialismo, sobre a tragédia da escravidão, mas nós sabemos a avenida de oportunidades que se abriu, a partir daquele gesto simbólico de admissão, de que, sim, o colonialismo foi uma violência histórica brutal. Sim, há um holocausto negro que mancha a história da humanidade, que foi a escravidão.

E Lula, meu querido vereador Marivaldo, foi o presidente que, quando ele admitiu isso, ele agiu sobre esta agenda, assumindo a relação de sujeito da África, e não de subalternidade do Brasil, o maior país das Américas, da América do Sul.

Nesse sentido, eu quero fazer este resgate de 6 anos de dor, de violências múltiplas sofridas pela Unilab, mas, em particular, pelo Campus dos Malês. Foi uma ação de tentativa de destruir aquilo que a nossa inesquecível prefeita Rilza Valentim (palmas), do Partido dos Trabalhadores, à época, fez pela Bahia, Ró Valentim. Você é, hoje, uma vereadora, é irmã de Rilza, sabe como a Unilab importa para o Recôncavo Baiano e para a cidade de São Francisco do Conde.

Eu quero, deputado Rosemberg, finalizar a minha fala dizendo que, com certeza, esta fala não é apenas minha, mas de todos os membros da nossa Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público, pois eu sou a presidente da mesma, nesta Casa.

Dizer que os esforços serão feitos de unidade de um campo político, no diálogo com o governo federal, porque a gente sabe que aquela semente plantada ali foi feita com o esforço enorme de Rilza e com o esforço do presidente Lula. Há fotos lindas. São tantas e são muitas. Mas há uma foto das mais lindas que a gente já viu. Trata-se de uma foto de Lula com os estudantes africanos da Unilab. E a fotografia, agora, se coloca também neste Plenário da Assembleia legislativa.

Eu estava ali com Jacque Mario. Ele é um estudante da Guiné Bissau e está presente a este evento. Há um grupo que vai, certamente, se apresentar, um grupo musical, artístico. Deputado Rosemberg, a fala dele é de muito orgulho.

E o presidente Lula realizou o sonho da Unilab. É o sonho de um encontro, é o encontro dos países de língua portuguesa, um encontro de países como Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Brasil e Portugal. E esse encontro se dá em uma posição horizontal, e não verticalizada por uma estrutura de hierarquia e de subalternidade.

Então, nesse sentido, nós temos que aplaudir, de maneira muito calorosa, o significado desse gesto. Certamente, a Unilab só será plena quando também o seu campus for verdadeiramente um grande campus bem estruturado (palmas) como, mais uma vez, o legado da gestão do nosso presidente Lula, que eu tenho certeza de que vai atender aos reclames de vocês que sofreram tanto. Aquela ainda é uma estrutura de escola, mas ela precisa de uma estrutura universitária, bonita, qualificada, plena para o exercício da educação! (Palmas)

Quero saudar a nossa secretária da Educação, professora Adélia, e, ao mesmo tempo, parabenizá-la. Sei do esforço e das dificuldades que o nosso governo enfrenta. A Bahia tem um orçamento de R\$ 64 bilhões. O orçamento do Rio de Janeiro, com a mesma população, é de R\$ 104 bilhões. E é muito difícil fazer as coisas que precisam ser feitas.

Mas chegou, a esta Casa, a lei do piso dos professores e professoras e também a lei de equiparação do piso salarial dos professores indígenas que garante, aos professores indígenas, também o piso salarial a que eles têm direito. Para a gente conseguir fazer uma educação digna e de qualidade, é preciso ter valorização dos professores, dos trabalhadores e das trabalhadoras em educação.

Portanto, viva a Unilab!

Este sonho intenso de uma sociedade que não é gentil, mas que, com a nossa luta, com a nossa força, nós vamos transformá-la. Ainda transformaremos este mundo em festa, trabalho e pão, como disse o mestre Capinan. (Palmas)

Estamos juntos pela Unilab, pelo povo negro, pelo fim do racismo no Brasil e no mundo!

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Valeu, minha querida Olívia Santana. (Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria passar a palavra ao nosso presidente da Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde, representando o prefeito Antônio Calmon, o querido amigo Antonio Santos Lopes, conhecido como Pantera. (Palmas)

O Sr. ANTONIO SANTOS LOPES: De início, eu gostaria de saudar esta egrégia Assembleia Legislativa na pessoa do proponente desta sessão, Sr. Rosemberg Pinto. Saúdo, de maneira especial, a professora Mírian, representante de todos os que estudam, de todos os que dão aula, de todos os funcionários do campus da Unilab, de São Francisco do Conde. De maneira especial, eu saúdo o meu nobre par, Marivaldo do Amaral, por seu aniversário. Que Deus te abençoe, te guarde, te proteja, te livre de todos os males e te dê vida longa. Quero saudar, de maneira especial, as vereadoras, como a rainha da Casa, Sônia, com oito mandatos, e Ró Valentim, representando a nossa prefeita Rilza.

Para iniciar, eu gostaria de falar um pouquinho do contexto da Unilab, em São Francisco do Conde. A cidade de São Francisco do Conde é vocacionada para a educação.

Em 1877, há 145 anos, o último imperador brasileiro, Pedro II, foi à cidade para inaugurar a escola agrícola da América Latina, onde se formavam pessoas para o país, então, agrário. Essa escola vigorou por, aproximadamente, 70 anos, até 1950. De lá para cá, transformou-se em ruínas, ficando sob a tutela da nossa Ufba.

Lembro que, no início dos anos 2000, a então secretária Rilza, fazendo parte da gestão de Antônio Calmon, tentou trazer, para São Francisco do Conde, novamente, uma universidade federal. Nesse contexto, eu conheci Marivaldo, no cais de São Bento, lutando para trazer, para nossa cidade, uma universidade de grande pujança, pois a cidade de São Francisco do Conde já estava nos livros de história, porém, esquecida, porque pessoas da elite brasileira não lembravam do legado que foi a escola agrícola de São Francisco do Conde.

A nossa economia foi construída, basicamente, através do povo africano trazido, de forma forçada, dos seus países originários. Muitos desses perderam as suas vidas, atravessando o oceano para chegar ao Brasil. Então, nada mais justo do que uma universidade com esse cunho em São Francisco do Conde. Trata-se de uma universidade reparatória para aquele que ajudou a construir esta nação, pois, por muitos anos, pessoas não lutaram por isso.

Então, nas pessoas de Marivaldo e da prefeita Rilza, eu parablenzo toda aquela equipe que, em 2002-2003, com a tutela do prefeito Calmon, lutou para levar uma universidade federal para São Francisco do Conde, que culminou com a ida do campo da Unilab para São Francisco do Conde.

Hoje, é motivo de orgulho saber que, no meu DNA, tem o DNA do povo negro que ajudou a construir esta nação. Antes, esse povo era trazido para trabalhar de forma forçada. Hoje, esse povo vem para construir o conhecimento e levar para o seu país em forma de riqueza.

E o Brasil tem esse dever moral, não só de dar condição para esse povo estudar, mas dar condição também para ele se manter no país, sem passar por perrengue, sem passar necessidade, porque, se não fosse o povo africano, nós não seríamos hoje considerados a oitava economia do mundo. A base da economia brasileira se deu através da cana-de-açúcar, se deu através da banana e, depois, veio a sua industrialização. Depois que se descobriu o petróleo, aí, se esqueceu desse povo.

Para a gente saber o que se passou com o negro, eu estava analisando, aqui, no Plenário, o painel *Galeota Gratidão do Povo*. Eu contei os que estão de frente. Há 59 pessoas. Há só cinco negros e uma mulher.

Então é imperioso, Rosenberg, que se faça presente um painel representando todo o povo e que nós, negros, estejamos também nesse painel. (Palmas) Ao invés de estar esse papel de parede, deveria ter a imagem do povo brasileiro, incluindo o povo baiano, o povo indígena, como os tupinambás e outros, enfim, os negros que ajudaram a construir esta nação.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Eu sei o que eu estou falando demais, o tempo já foi exaurido, mas eu não podia de deixar de falar essas coisas. Digo isso porque nós, negros, construímos este país e, ainda, somos subjugados. A prova disso é quando a gente olha para uma pintura como essa e constata que só há 59 pessoas de frente e só cinco negros.

Obrigado pela atenção de vocês. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Pantera.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Queria anunciar as presenças de Milton Cerqueira, prefeito de Almadina; Isabelle Maia, publicitária da Fundação Hansen Bahia; Liz Senna, jornalista da Fundação Hansen Bahia; Marcelo Paranhos, assessor do chefe do Tribunal de Justiça da Bahia; Elizabeth Rocha de Sousa, representando o deputado federal Valmir Assunção; Andrea Sales, coordenadora do Cojuve, da Serin; Gabriela Dantas, professora da Unilab; Ademário Costa, representando o deputado federal Jorge Solla; Claudilene Gonçalves, de São Francisco do Conde; Herbert Vieira de Moura, do Sindicato dos Metroviários; e Virgínia Santos, coordenadora de Política de Saúde do Trabalhador Assufba.

Há, também, Tarcísio Nunes Cardoso, secretário de Administração, do município de Almadina. Eu já o tinha visto de longe, não só pela falta de cabelo, mas pela máscara que ele está usando.

Ainda, há as presenças de Maciel Pinheiro, vice-prefeito de Almadina; Marcelo Paranhos, já saudei; Eliane Gonçalves, coordenadora do mestrado de Malês; Virgínia Santos Souza, coordenadora de Políticas de Saúde do Trabalhador, Assufba/Ufba; Marinalva Nunes, presidente da Aceb; Helen de Jesus Borges, minha querida amiga e coordenadora do Conselho Estadual de Juventude, da Serin; Ana Paula Praxedes Neves, diretora jurídica do Sindsfratu; e Rebeca, minha querida amiga e secretária-geral da Juventude do PT, em Salvador.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria chamar para falar, em nome de todos os vereadores da cidade de São Francisco do Conde, o professor licenciado, o meu querido amigo Marivaldo do Amaral.

Ele é aniversariante. (Palmas) Então, vamos cantar os parabéns para animar, antes da fala dele. Vamos cantar parabéns para ele, no Tico-Tico do Dendê? Vamos embora lá. Parabéns, em chorinho.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Viva Marivaldo! (Palmas)

Nós vamos cantar a outra parte depois, porque ele está preparando um negócio de um almoço do aniversário. Aí nós vamos todos para lá.

Com você, Marivaldo.

O Sr. MARIVALDO CRUZ DO AMARAL: Bom dia a todas e a todos.

Eu quero começar saudando o proponente desta sessão especial, o meu amigo e deputado Rosemberg Pinto; a deputada Neusa Cadore; a minha amiga e deputada estadual Olívia Santana; Adélia Pinheiro, a secretária da Educação do Estado da Bahia; Ângela Guimarães, a secretária de Promoção da Igualdade Racial; Arany Santana, ouvidora-geral do Estado da Bahia; a minha amiga, professora e colega Mírian Sumica, esta guerreira do Campus dos Malês e, em sua pessoa, todos os meus colegas professores da Unilab; Cláudia Ramos Carioca, vice-reitora da Unilab; o professor Aécio, reitor do Instituto Federal Baiano; Mônica Aragão, representando a Defensoria Pública do Estado da Bahia; o meu colega Pantera, presidente da Câmara de Vereadores, de São Francisco do Conde, hoje, também representando Antônio Calmon, prefeito do município; Sueide Menezes, representante do DCE do Campus dos Malês; o estudante Jacque Mario e também meu amigo estudante Iuri Rosário, representando todos os estudantes presentes; Marcus Dias, representante dos técnicos administrativos da Unilab, de São Francisco do Conde; e Rutte Tavares, coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Africana e Processos Educativos em África e suas diásporas.

Eu prometo ser bem rápido, dirigindo um texto para não ficar muito longo.

(Lê) “Neste 5 de maio de 2023, dia tão especial para mim, pois, hoje, completo 47 anos de idade, sou tomado pela emoção de estar aqui, junto com vocês, celebrando o aniversário de 9 anos da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), Campus dos Malês.

Como professor dessa universidade, cidadão e vereador de São Francisco do Conde, o sentimento hoje é de gratidão. Lembro-me bem de todo o percurso espinhoso para que este sonho se tornasse uma realidade, em nossa cidade. Esse sonho levou a então vereadora Rilza Valentim a realizar audiências públicas, caravanas e muitas

reuniões, pedindo um campus de uma universidade federal em São Francisco do Conde. Havia sido iniciado bem cedo, quando o presidente Lula criou a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Naquelas idas e vindas, lembro do quanto a Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde foi tão parceira nessa construção.

Seguindo os princípios de honrar a luta dos mais velhos, registro o empenho do ex-prefeito Antônio Pascoal e da professora Ana Clara, Clarinha, que, antes mesmo de 2007, já sonhavam e lutavam, também, para a existência de uma universidade federal em São Francisco do Conde.

Mas como não lembrar de 2007, quando os vereadores Mario Nogueira, Sônia Batista, Robson Portugal, Nem do Caípe, Sandro Valença, Renato, Cravinho, Reizinho, somaram-se à grande guerreira Rilza Valentim e foram, em caravana, a uma audiência em Cruz das Almas, para serem recebidos pelo então reitor Paulo Gabriel? Naquele momento, além de assessor do mandato de Rilza, eu era professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Quando o sonho começou a se tornar realidade, já com Rilza na qualidade de prefeita, a Câmara de Vereadores estava presente nas pessoas de alguns desses vereadores já mencionados, por terem sido reeleitos, além dos novos vereadores, como Pantera, hoje nosso presidente, Luís de Campinas, Joinha, Messias, Adelmo, Vanusa, Arlete e Eliezer, que também esteve junto na luta como secretário municipal. Como não lembrar do deputado Rosemberg Pinto, pois ele é um parceiro constante da cidade, autor desta sessão especial e amigo de Rilza?

Eles, muitas vezes, abriam portas dentro da estrutura do estado. Eles ajudavam a possibilitar diálogos com as forças e lideranças políticas fundamentais para levar a Unilab para a nossa São Francisco do Conde. Parceria esta foi mantida com o ex-prefeito Evandro Almeida, na luta pela consolidação e pela ampliação do Campus dos Malês.

Registro a constante presença da nossa amiga Vanessa Dantas, pois ela não mede esforços para somar com o povo de São Francisco do Conde.

Hoje há a celebração dos 9 anos de Unilab, em São Francisco do Conde.

Somados aos colegas já citados, estão os novos vereadores eleitos em 2020, como Ró Valentim, irmã da nossa querida Rilza Valentim, também sonhadora desse projeto da universidade em São Francisco do Conde.” Eu lembro muito, Ró, dos momentos em que nós parávamos no quartel-general, na casa de D. Chica, para pensar e sonhar grandes projetos para São Francisco do Conde.

(Lê) “Há, ainda, Minga de Joinha, Moriel, Rafael Nogueira, Lorena de Reizinho, Daoana, Renilza e Luís de Nem. Todos, no âmbito da diversidade de pensamentos, são movidos pelo espírito público da câmara em lutar pelo melhor para nossa cidade.

Tenho certeza de que esses colegas também sonham com a Unilab se tornando uma universidade forte e emancipada em nosso território. Esses colegas representam o sentimento coletivo da sociedade franciscana da necessidade de lutarmos diariamente pela consolidação e ampliação do Campus dos Malês, com a retomada das obras do novo prédio que estão paralisadas, com a oferta de mais cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado.

Em nome de todos os colegas e da Câmara de Vereadores de São Francisco do Conde, aproveito este momento para convidar todas e todos para...” estarem na sessão especial que ocorrerá no dia 16, em São Francisco do Conde, também celebrando o aniversário de 9 anos da Unilab naquela cidade.

(Lê) “(...) A Unilab, uma instituição federal internacional, subordinada apenas ao governo federal, porém resguardada a sua autonomia universitária, que é constitucional, em São Francisco do Conde, é apenas uma criança de 9 anos de idade que tem muito por viver e fazer viver pela frente, mas já demonstra um espírito público republicano, democrático, antirracista e decolonial, movida pelo compromisso com as demandas emancipacionistas da sociedade. Como fechar os olhos para a postura solidária dessa universidade para com a comunidade franciscana no último domingo?

A ousadia de criar uma universidade federal que promovesse a integração do Brasil com os países africanos lusófonos reflete bem a quebra dos paradigmas e avanços que o nosso país vivia no momento em que o presidente Lula criou a Unilab, seguindo um ousado projeto de interiorização do ensino superior neste país. Isso significava levar a universidade pública a lugares e pessoas que antes apenas eram destinadas à ocupação dos espaços subalternizados.

Além de romper fronteiras continentais, promovendo a integração sociocultural e acadêmico-científica, a Unilab colocou o Brasil numa posição de exportador de ciência e tecnologia, bem como de parceiro estratégico das sociedades africanas dentro da nova ordem científico-comercial internacional.

Se nas décadas anteriores à criação da Unilab vivíamos a crise do ensino superior gratuito, a ameaça de privatização das universidades federais e a exclusão histórica da população afro-brasileira e mais carente dos espaços acadêmicos, a gestão do presidente Lula inverteu essa lógica, com um governo extraordinário que tirou milhões de brasileiros da pobreza extrema e possibilitou-os a oportunidade de estudar na universidade pública, gratuita e com qualidade.

Durante muitos anos, acreditou-se no paradoxo da inteligência dos ricos e a burrice dos pobres. Não avaliavam que, quando há equidade e as oportunidades são iguais, todos podem desenvolver um grande potencial. A prova disso é que, a cada dia, as salas de aula e o mercado de trabalho têm se tornado um verdadeiro mosaico étnico, social e cultural, fruto das políticas afirmativas tão bem defendidas pelo meu partido, o PT, Partido dos Trabalhadores, e partidos aliados.

Ao ter notícias de que seria criada a Unilab, com sede em Redenção, no Ceará, e um campus na Bahia, a nossa saudosa prefeita Rilza Valentim, incumbiu-me da missão de escrever a proposta de projeto de criação do campus da Unilab em São Francisco do Conde, para apresentarmos, em nome do município, ao Ministério da Educação.

Rilza, novamente, organizou caravanas – dessa vez a Brasília – e tivemos audiências com o então ministro da educação, Fernando Haddad, na posse do professor Paulo Speller, primeiro reitor nomeado para iniciar a universidade.

Em Brasília, visitamos os gabinetes de todos os 39 deputados federais da bancada da Bahia no Congresso Nacional, que enviou uma moção de apoio à instalação do campus da Unilab Bahia no nosso município. Naquele momento, buscamos também

apoio da Assembleia Legislativa da Bahia, através dos deputados Rosemberg Pinto e Bira Corôa, bem como dos três senadores baianos – deixando bem claro: senadores de partidos diferentes – a fim de conquistarmos esse pleito inédito na história de São Francisco do Conde. Ao passo que contamos com o decisivo apoio do então governador Jaques Wagner.

Depois de muitas idas à capital federal, coordenadas por essa mulher que tinha uma força gigante e era visionária, depois de ela bater em várias portas e, literalmente, brigar por esse campus, de ter ajuda do professor Paulo Gabriel, então reitor da UFRB, e do deputado federal Zezéu Ribeiro. Cito aqui também as valorosas contribuições de Marília Fontoura e Jorge Solla, respectivamente, secretária de Saúde de São Francisco do Conde e secretário da Saúde do Estado da Bahia. Finalmente, em 12 de maio de 2014, a Unilab São Francisco do Conde deixou de ser um sonho histórico para se tornar realidade.

Hoje, no momento em que o Brasil celebra o bicentenário da independência, a Unilab Malês vive um novo sonho, uma etapa que nos enche de esperança e que nos levará a um patamar mais elevado ainda: ser emancipada e se tornar uma universidade federal internacional independente...”

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

“(...) na Bahia, com orçamento próprio e gestão própria do seu destino...” Já vou concluir.

(Lê) “(...) A saga da nossa saudosa prefeita Rilza Valentim foi um farol visionário que iluminou os caminhos da nossa cidade, pois, como professora de uma instituição de ensino federal que entendia o quanto uma universidade poderia mudar vidas – visto que a própria havia mudado de vida com a universidade pública – hoje tem na disposição, garra e determinação da professora Mírian Sumica o mesmo espírito coletivo de luta que levou Rilza a batalhar tanto.

Fico feliz a cada momento em que vejo a professora Mírian pedindo pela Unilab Malês ao governador Jerônimo Rodrigues, um professor sempre sensível às demandas sociais; pedindo ao presidente da República...” – nosso presidente Lula – “(...) pedindo aos ministros e deputados de forma incansável e desprovida de timidez, da mesma forma que fazia a nossa querida Rilza.

Nessas horas, reverencio a força das mulheres pretas deste país, do quanto elas deram régua, compasso e saberes muitos, com suas sensibilidades diferenciadas ao cuidarem de gente, ao cunharem futuros promissores, ao lutarem por dignidade social coletiva. A chegada da Unilab se constitui numa oportunidade única para transformar o legado da história do município e região em um catalisador de um novo processo de desenvolvimento, baseado na cooperação internacional.

(...) Foi com o espírito de emancipação que batalhamos para que São Francisco do Conde recebesse um campus da Unilab. Esse patrimônio trará frutos eternos, não só para nossa cidade e região, mas também para os países que compõem a diáspora luso-africana. Hoje, mesmo depois de todos os ataques do desgoverno da extrema direita nos últimos anos, sob comando do inominável, essa universidade federal internacional segue firme, mesmo tão atacada. E não apenas promove desenvolvimento socioeconômico para nossa região, ela é uma referência de produção acadêmico-

científica, fortalecendo o estreitamento das relações Sul-Sul, em prol de um modelo de desenvolvimento subordinado às relações mais solidárias entre as pessoas e os países, onde o Brasil é protagonista.

A Unilab são seus professores, técnicos, estudantes, são as comunidades africanas, é a comunidade da Baixa Fria, do Cais, a comunidade quilombola do Monte Recôncavo e todos os outros bairros e cidades vizinhas.

A Unilab somos todos nós!

Por isso, neste aniversário – que tenho a felicidade de ser próximo também do meu – todos nós somos presenteados.

Viva a Unilab! Viva São Francisco do Conde e região!

Viva a universidade pública, gratuita, antirracista, decolonial, emancipacionista e socioculturalmente referenciada!”

Valeu, deputado Rosemberg Pinto, por esta sessão e por toda a parceria com São Francisco do Conde.

Um forte abraço a todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, Marivaldo. Feliz aniversário! Não pense que só você tem esse privilégio, não, minha filha Karuzy está fazendo aniversário hoje também, ouviu? Quando eu sair daqui, vou ligar para ela e cantar os parabéns porque ela está em Brasília.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Neste momento, eu queria convidar aqui a nossa secretária de Promoção da Igualdade, Ângela Guimarães, para fazer a sua saudação. (Palmas)

A Sr.^a ÂNGELA GUIMARÃES: Bom dia a todas as pessoas presentes. Quero saudar aqui o nosso querido deputado Rosemberg Pinto, proponente e presidente desta sessão. Em seu nome, saudar as demais deputadas porque, sobretudo, foram as deputadas que se sentiram convocadas a estar aqui, nesta sexta-feira de manhã, celebrando esses 9 anos da Unilab.

Quero saudar a professora Mírian Reis, diretora do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e também, em seu nome, vou saudar toda a comunidade de professoras e professores aqui, queridos amigos militantes dessa causa da integração, da luta antirracista. Quero, em nome deles, saudar esta Mesa extensa, saudar todas as autoridades. Mas não queria deixar de fazer referência à estudante e ao estudante que tão bem representaram esses quase 2 mil estudantes da Unilab, Sueide e Jacque, que deram aula aqui para a gente nesse momento.

Quero fazer uma saudação especial aos vereadores Pantera, Marivaldo e a Rosângela Valentim, em nome dela, saudar a família da nossa saudosa Rilza Valentim. Em nome de Rilza, depois desse histórico feito aqui pelo nosso querido vereador Marivaldo, falar de como a união de tantas representações institucionais, remetendo também às representações dos movimentos sociais, dos movimentos da luta antirracista neste Plenário, como foi que a gente atravessou as décadas para fazer da Unilab uma realidade. Também para fazer da Bahia, Ademário Costa, este espaço, deputada Olívia

Santana, este estado que comportaria não apenas a Ufba como universidade federal, mas que comportaria, secretária Adélia – a quem saúdo, que representa aqui o nosso governador –, em cada canto, em cada um dos nossos territórios de identidade, universidades que representam desenvolvimento, integração, prosperidade, que representam aproveitamento das potencialidades do nosso povo e, no caso da Unilab, também o pagamento de uma dívida histórica.

Acho que a deputada Olívia Santana apresentou muito bem aqui – o nosso deputado Rosemberg, também – essa universidade surge com a convicção do Estado brasileiro, cujos quase 400 anos de escravismo promoveram fraturas no nosso país, deixaram um débito com o continente africano.

Eu considero que essa universidade consegue condensar esse espírito rebelde e incontestado do nosso Recôncavo Baiano, berço e solo das nossas lutas de resistência ao escravismo, da luta de resistência ao colonialismo, das lutas por independência, mas também a luta histórica dos países africanos contra essa geopolítica perversa que ignorou o continente africano como continente berço da civilização humana, responsável por espalhar os grandes inventos, as grandes contribuições científicas, tecnológicas, arquitetônicas.

E é um reencontro ter uma Unilab celebrando 9 anos na Bahia, é o reencontro do pagamento de uma dívida histórica, mas também de um futuro. Um futuro afirmado em que nós precisamos, juntos e juntas, nesse processo que Lula retorna como esse presidente que foi o primeiro a assumir essa dívida histórica, não apenas na retórica, mas com ações concretas.

E agora os desafios de 2023 e do futuro são compreender que não haverá futuro para o Brasil e para o mundo quando as populações historicamente subalternizadas, professor Cláudio André, professora Zelinda, não estiverem na linha de frente no protagonismo dessas transformações. Por isso a gente vê aqui um Plenário majoritariamente negro, como é a presença da população negra na Bahia; uma Mesa também majoritariamente negra e com aliados brancos antirracistas, porque esse é o lugar também, defensora, que nós acreditamos.

A população negra sozinha não vai fazer a revolução. Sem dúvida, ela será a linha de frente, a protagonista, mas para implementação de políticas afirmativas, para implementação de políticas de reparação em toda a estrutura do Estado brasileiro, a gente precisa contar com aliados. Então eu quero saudar essa celebração...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) nos comprometendo a apoiar o pleito que a Unilab traz aqui, por sua autonomia, por sua afirmação, com a sua estrutura de gestão administrativa e de expansão. Porque, se é verdade que a gente começou a dar os primeiros passos na direção da reparação, a dívida é muito larga, e a gente vai ter de unir muito mais forças para a recomposição dos orçamentos das universidades públicas, para as políticas de permanência, para as políticas de ciência e tecnologia, de extensão, para que a Bahia e o Brasil possam ser esse país e esse estado da integração, do desenvolvimento e da emancipação de estudantes negros e negras brasileiros e todos os africanos que

encontram acolhimento no território deste estado, Bahia, cujo outro nome também pode ser África.

Muito obrigada e um bom dia para nós. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, minha querida secretária.
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Quero registrar a presença do Dr. Celso França, chefe do escritório do Ministério das Relações Exteriores. Uma salva de palmas, eu sei que já estão cansados. (Palmas)

Eu queria saudar também e agradecer a presença da minha querida amiga, a vereadora Marta Rodrigues. Martinha, obrigado pela presença. (Palmas)

E eu queria também ouvir uma saudação aqui dessa mulher negra, dramaturga, competente, generosa, minha querida ouvidora-geral, Arany Santana. Venha cá, Arany, quero ouvir de você. (Palmas)

Saiu? Deu uma saidinha? Essa Arany é danadinha, mas ela foi ali e volta.

Eu queria então, neste momento, conceder a palavra a nossa vice-reitora da Unilab, Cláudia Ramos Carioca. (Palmas)

Cláudia, eu disse que você era baiana, esse carioca aí é isso mesmo ou eu estou enganado?

A Sr.^a CLÁUDIA RAMOS CARIOCA: Eu sou do Maranhão.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Ah! É maranhense.

A Sr.^a CLÁUDIA RAMOS CARIOCA: Eu, professora doutora Cláudia Ramos Carioca, vice-reitora da Unilab, vos falo em nome do magnífico reitor da Unilab, professor doutor Roque do Nascimento Albuquerque. Saudações a todos os presentes e autoridades, na pessoa do Sr. Presidente da sessão, deputado Rosemberg Pinto, proponente desta linda sessão.

Ressalto que a presença da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – carinhosamente chamada aqui por todos de Unilab, porque, até então, ninguém tinha falado o nome completo da instituição –, aqui na Bahia, se consolida ao longo de 9 anos de vivência e materialidade dos seis cursos de graduação: Ciências Humanas, História, Humanidades, Letras - Língua Portuguesa, Pedagogia e Relações Internacionais; e um curso de pós-graduação, o mestrado em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil-África, constitutivos do Campus dos Malês.

A Unilab nasceu em 2010, sua lei de criação é de julho de 2010, neste ano, estamos fazendo 13 anos. As atividades acadêmicas tiveram início em 2011 e o Campus dos Malês nasceu em 2014.

Hoje, temos números bastante relevantes que são os frutos de um labor dedicado e audaz. São 900 alunos ativos, dentre os quais, 191 são alunos africanos. E 838 alunos formados pela Unilab, dentre os quais, 248 são alunos africanos.

Assim, a Unilab na Bahia cumpre sua missão institucional, descrita no art. 2º de sua lei de criação: (lê) “(...) *A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos*

para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos...”

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

“(...) bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.”

Destaco para esta Casa e para a comunidade baiana a importância de se ter um campus de uma universidade internacional com o potencial de desenvolvimento na articulação Sul-Sul e Norte-Sul e a necessidade urgente de recursos para a internacionalização. A Unilab é internacional, não é só federal, e só existem duas universidades internacionais no Brasil. Porque os nossos alunos africanos vêm através de um processo seletivo específico e com recursos próprios. Nós precisamos de auxílio. Por quê? Porque nós somos uma universidade internacional que não temos auxílio internacional.

A reitoria da Unilab avalia esses 9 anos da Unilab na Bahia sob o prisma da superação, por desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão em condições precárias, herança da pré temporalidade que perdurou durante 6 desses 9 anos, interrompida pela eleição democrática e legítima de quem vos fala e que interrompeu o processo de extinção da Unilab na Bahia, solicitando ao MEC o arquivamento da proposta que lá existia. Caso a comunidade aqui não saiba, existia uma proposta na mesa do ministro para acabar com a Unilab na Bahia. E esta gestão eleita, o professor Roque interveio e pediu o arquivamento da proposta.

E vem travando, durante 3 anos, uma luta árdua para que essas condições sejam modificadas, colocando o Campus dos Malês como prioridade total desta gestão, como é o caso da ação mais recente, em que destinamos 100% do recurso de investimento recebido na LOA 2023 para a construção urgente de um pavilhão com salas de aula.

Esta reitoria, em conjunto com a direção do Campus dos Malês, tem, incansavelmente, buscado auxílio junto aos parlamentares baianos e governos municipal, estadual e federal para a utilização de espaços para as atividades acadêmicas e a conclusão da obra de construção dos dois blocos acadêmicos anexos, os quais são imprescindíveis para a implantação da Unilab na circunscrição da Região Metropolitana de Salvador e do Recôncavo Baiano.

Hoje, aqui, nesta sessão especial, verbalizamos um sonho que é também sonhado pela comunidade acadêmica da Unilab da Bahia, o sonho de ser uma instituição independente, porque Malês resiste, e que esta resistência possa contagiar todos os que estão aqui presentes para que esse sonho se transforme em plena realidade.

Parabéns, Campus dos Malês, por mais um ano de vida!

Parabéns aos discentes, docentes e tais que compõem este lindo projeto chamado Unilab na Bahia.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigado, querida amiga Cláudia Ramos Carioca, que, na realidade, é nordestina como nós, aqui, do nosso querido estado do Maranhão. Obrigado pela presença e pelas palavras.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Então, neste momento, eu concedo a palavra à diretora-geral do Campus dos Malês, a querida amiga Mírian Reis. (Palmas)

Rapaz, a gente podia, antes de ouvi-la, pôr uma musiquinha. Vamos dar um chorinho aí? O que é que vocês escolhem dessa vez? Olha, tem de ser uma coisa muito bonita porque nós vamos ouvir a diretora do campus. (Risos)

O Sr. Victor Martins Souza: É um choro chamado *Benzinho*, de Jacob do Bandolim.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Ah, muito bonito!

A Sr.^a Mírian Sumica Carneiro Reis: Vou ficar me achando, viu, Victor?

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): E encerra assim: “e as leis do amor nunca mais transgredi”. É o final dessa música, de Jacob do Bandolim. Eu ouvi muito isso com Nilze Carvalho, que é outra... E agora Mírian, não é?

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Com a palavra Mírian Reis, diretora-geral do Campus dos Malês.

A Sr.^a MÍRIAN SUMICA CARNEIRO REIS: Bom dia a todas, todos e todes. Eu peço licença, ao tempo em que saúdo os ancestrais que abriram os caminhos, mostraram as passagens e permitiram as encruzilhadas que nos conduziram até aqui.

Saúdo a Mesa, a partir do deputado Rosemberg Pinto e, em seu nome, saúdo os outros deputados e deputadas que estiveram aqui. A gente agradece muito, deputado Rosemberg, por ser um parceiro tão próximo do Campus dos Malês da Unilab. Deputada Neusa, deputada Fátima, deputada Olívia, essas mulheres sempre estão por lá, por perto, também, mostrando que não estamos sós. Os desafios são muitos, mas nunca estivemos sós.

Agradeço muito a secretária Adélia, além de ser uma representante da própria Secretaria de Educação, como professora que é, médica, mulher combativa, também representa o nosso governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues, que foi nos visitar, lá no campus, nos encheu de alegria e orgulho e tem sido um apoiador importantíssimo da nossa luta. Agradeço a querida Ângela Guimarães, secretária de Promoção da Igualdade Racial. A minha madrinha, que precisou sair por conta de um compromisso, e que virou minha madrinha porque foi a madrinha da primeira turma de Letras que se formou no Campus dos Malês, a ouvidora Arany Santana, uma mulher querida e inspiradora para nós.

Saúdo a Dr.^a Mônica Aragão, representando a Defensoria do Estado da Bahia. O reitor Aécio, que também é sempre muito gentil, muito generoso, muito acolhedor com nossa comunidade, lá no IF Baiano. Agradeço ao vereador Pantera, que aqui representa o município de São Francisco do Conde, sem o apoio desse município a gente teria muito mais dificuldades para nossa implantação. E, em seu nome, vereador Pantera, agradeço a todos os demais vereadores que estão presentes, de São Francisco do Conde e dos outros municípios, saudando também os outros prefeitos aqui presentes.

Saúdo, com muito carinho, com muita gratidão também, e com muita certeza de que a nossa luta continua porque é justa e porque ela pretende mudar São Francisco do Conde, mudar as estruturas de política que se fazem lá.

Então, eu queria agradecer e saudar o aniversariante do dia Marivaldo do Amaral, professor de história, vereador, militante combativo. Marivaldo, em seu nome, saúdo todos aqueles que acreditam que a mudança é um movimento importante para as revoluções. Quero também agradecer a presença do Dr. Márcio França, diretor-geral do escritório do Ministério das Relações Exteriores aqui na Bahia; agradecer e saudar Marta Rodrigues, querida Marta, muito bom ter você aqui, saúdo e honro sua presença.

A professora Lícia precisou sair, mas eu gostaria de registrar aqui a nossa saudação à Apub Sindicato e à Assufba; assim como saúdo Beth, do gabinete do deputado Valmir; a representação do deputado Jorge Solla.

Queria também registrar a presença do professor Geraldo Prado, fundador e patrono da Biblioteca Comunitária do Paiaíá, a maior biblioteca comunitária rural do mundo, fica no estado da Bahia, no município de Nova Soure, lá no território Nordeste do estado, obrigada, professor Geraldo, por estar aqui; Larissa Marques, do Progel da Uefs; meu Deus, Vanessa Vilas-Bôas, da Fundação Hansen Bahia, cadê ela? Também é uma parceira importante do Campus dos Malês.

Aí saúdo e agradeço, de forma muito especial, de forma muito grata, a todos os professores e professoras, técnicos administrativos em educação, terceirizados e a cada estudante do Campus dos Malês que compõem essa comunidade que somos, tão rica e tão diversa.

E, como somos ricos, diversos e muitos, eu queria pedir, deputado, eu sei que talvez nós não tenhamos gravação até o final da minha fala, mas eu queria pedir um pouquinho mais do que os 5 minutos protocolares porque eu estou falando aqui em nome de uma comunidade de mais de...

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Está liberada.

A Sr.^a MÍRIAN SUMICA CARNEIRO REIS: Muito obrigada.

(...) Eu vou falar aqui, e olha que responsabilidade, por uma comunidade que tem mais de 90 docentes, 43 técnicos administrativos em educação, 32 terceirizados e mais de 1,3 mil estudantes de graduação (presencial e à distância) e de mestrado. Essa gente é do Brasil, de Angola, de Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Então, imagine que ousadia falar por tanta gente, né? Mas essa fala a gente construiu de forma conjunta, coletiva.

(Lê) “Além de todas essas pessoas, é preciso considerar as vozes que ditaram os sonhos de cada um de nós que está aqui, nossas famílias e amigos que, deste ou do outro lado do Atlântico, acreditaram que o Campus dos Malês da Unilab é o quilombo produtor de novas revoluções.

A criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) se insere no contexto da expansão da educação superior no Brasil através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que constitui um dos mais importantes e inovadores programas voltados à recuperação do sentido público e compromisso social da educação superior, dada sua orientação de expansão com qualidade e inclusão.

A Unilab está inserida no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições

federais capazes de promover a Cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental.

Atuando na perspectiva da cooperação solidária...”, e eu acho lindo isso, gente, nós somos uma universidade que tem como princípio básico registrado no seu estatuto o princípio da solidariedade entre os povos, isso é uma coisa que marca muito o que é a Unilab.

Então, era preciso pensar nessas universidades capazes de promover a Cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental na perspectiva da cooperação solidária. (Lê) “(...) Atuando na perspectiva da cooperação solidária, a Unilab valoriza e apoia o potencial de colaboração e aprendizagem entre países como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior, especialmente...”, principalmente, “(...) nas gestões dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Ao propor a criação da Unilab, o governo brasileiro abriu-se, portanto, a países, territórios e comunidades da África, além de Ásia e Europa, que adotam como língua oficial, ou se expressam, em língua portuguesa. E, fundamentada nos princípios de apoio e ajuda mútua, visou criar e consolidar espaços de formação, produção e disseminação de conhecimento com relevância social.

Com a Unilab, o Brasil executou parte do pedido de perdão ao povo africano...”, que a deputada Olívia Santana já mencionou aqui, “(...) realizado pelo presidente Lula no Porto de Gorée, no Senegal, em 2005, quando reconheceu a dívida brasileira com a África pelo sequestro e escravização de homens, mulheres e crianças durante séculos...”

Isso, inclusive, justifica o fato de que, na cooperação que a Unilab faz com os países africanos de língua portuguesa, não há a exigência de contrapartida financeira por parte desses países, o Brasil deve à África, e o nosso papel é reparar essa dívida.

(Lê) “(...) Uma universidade criada como ação de reparação pelos danos sociais provocados pela escravidão é também um lugar de reconstrução da identidade brasileira porque se propõe a pensar o Brasil a partir do legado africano para o povo que aqui se constituiu. Esse Brasil, que tem mais da metade da sua população autodeclarada negra, ainda é estruturalmente racista, e uma universidade negra, brasileira e africana é uma convocação para o combate ao racismo e para a construção de uma efetiva democracia...” Porque só haverá democracia no Brasil quando ele, primeiro, se reconhecer racista e, depois, se tornar antirracista.

(Lê) “(...) A escolha dos municípios em que a Unilab está instalada não foi aleatória...”, ela está no município de Redenção, a sua sede fica em Redenção, no Ceará, e em São Francisco do Conde, onde contou com a luta de muita gente, como já foi dito aqui, não é, Marivaldo? Muita gente como a prefeita Rilza Valentim, e eu não me canso de pedir palmas para Rilza Valentim, ela faz uma falta enorme. (Palmas)

Também (lê) “(...) os deputados Zezéu Brito, Jorge Solla, Rosemberg Pinto, Bira Corôa...” e tantos outros que foram militantes dessa causa, “(...) o então secretário e atual vereador Marivaldo do Amaral, o então reitor da UFRB, Paulo Gabriel Nacif...”, que se desculpou por não poder estar aqui porque está dando aula lá em Cruz das

Almas; o professor Paulo Speller, que na época era secretário de Educação Superior no MEC, foi o primeiro reitor da Unilab e agora é reitor lá na Guiné Equatorial...

Também (lê) “(...) Eliezer Santana, que era secretário municipal de Educação na época, lideranças de diversos movimentos negros, contamos com o apoio do governador Jaques Wagner na época, além de tantas outras pessoas...” que se engajaram na luta para que a Unilab fosse também baiana.

(Lê) “(...) Segundo dados do IBGE, São Francisco do Conde, onde está sediado o Campus dos Malês, tem o melhor PIB da Bahia e o nono melhor do Brasil (já foi o maior da América Latina há tempos)...”, e era motivo de orgulho dizer isso, “(...) Mas, mesmo sendo o melhor pagador de salário médio mensal dos trabalhadores formais da Bahia e o quinto melhor do Brasil, ocupa apenas a 133ª posição do Ideb no estado da Bahia em um universo de 417 municípios.

Ou seja, há um déficit educacional a ser combatido, e a Unilab cumpre esse papel naquele território com seus seis cursos de graduação presencial – Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades com terminalidades em Ciências Sociais, História, Relações Internacionais e Pedagogia, além da Licenciatura em Letras – e as graduações EAD em Administração Pública e Ciência da Computação (essa ainda por iniciar sua primeira turma), bem como com o incremento promovido...”, especialmente para a formação de professores e professoras, formação continuada, “(...) com o Mestrado em Estudos de Linguagens - Contextos Lusófonos Brasil-África...” Não há outro neste país com essa nomenclatura e ementa.

(Lê) “(...) Nesses 9 anos de funcionamento, 962 estudantes brasileiros e africanos concluíram sua formação e, para nosso orgulho e estímulo, ingressaram em cursos de pós-graduação do Brasil e do exterior. Como é bom ouvir seus relatos, saber de suas trajetórias e saber que, apesar das enormes dificuldades, essas pessoas carregam consigo, além de uma robusta bagagem acadêmica de formação antirracista e afrocentrada, o orgulho de dizer: “Eu sou cria do Campus dos Malês da Unilab...”

Toda vez que eu encontro com um egresso que me diz isso, eu fico muito comovida, porque mostra que o que a gente faz vale a pena.

(Lê) “Não se enganem, contudo, com este relato apaixonado a ponto de achar que essa travessia Brasil-África se deu em mares tranquilos. Pelo contrário, reescrever a travessia de pessoas da África para o Brasil no contexto de reparação, partilha de saberes e tecnologias, e reconhecimento e valorização da interculturalidade, é uma ousadia que não ficou, com o perdão do trocadilho, em branco.

As fotos de formatura do Campus dos Malês incomodam a sociedade estruturalmente racista, que, embora se arvore democrática, ainda se choca com a universidade pública pintada de preto...”, pintada de povo, “(...) Tantas contradições marcam nossa existência...”, meu Deus, “(...) na cidade que tem 98% da população autodeclarada negra, estudantes africanos conheceram o racismo e a xenofobia. No lugar de tão elevado PIB, ainda não estão asseguradas condições básicas de funcionamento da universidade, como a garantia de transporte público para Salvador às 22h, quando encerram as aulas, sob o argumento de que uma linha de transporte público nesse horário não daria retorno econômico a uma empresa de ônibus privada que explora uma concessão pública...” Vejam só as contradições.

No campus em que estava prevista a abertura de dezenas de novos cursos ao longo desses anos, inclusive o de Medicina...”, tão sonhado, tão desejado, “(...) sua expansão e consolidação foram bloqueadas por uma obra paralisada desde 2018 por falta de recursos. E aqui cabe explicar.

Quando a construtora criminosamente abandonou aquele contrato, uma obra com mais de 70% de execução, precisávamos de mais ou menos R\$ 4 milhões para terminar aqueles dois blocos acadêmicos. Com a inflação, o valor necessário atualmente é de aproximadamente R\$ 10,5 milhões.

Num desgoverno que esparramou milhões de reais em “orçamento secreto”, em emendas escusas a parlamentares aliados do fascismo, só posso afirmar que esta obra ficou paralisada porque não interessa à branquitude que governou este país ver jovens negros do Brasil e da África, filhos e filhas da classe trabalhadora, formados em Medicina, em Direito, em Engenharia, em licenciaturas, entre outros cursos considerados de elite...”, vários outros aí. (Palmas)

(Lê) “(...) Somem a isso tudo os enormes desafios, afinal de contas, muitas gestões sempre viram o Campus dos Malês como uma unidade ideologicamente insurreta, indomável, porque defensora radical das premissas do estatuto e da lei de criação da Unilab.

Como esquecer...”, como a professora Cláudia Carioca bem mencionou aqui, “(...) do reitor que sugeriu ao MEC que este campus virasse parte de qualquer outra universidade baiana, por exemplo, a Ufba?...”, não necessariamente da Ufba, seria se a Ufba quisesse.

(Lê) “(...) Como perdoar o fato de que somente em 2021 conseguimos ter aqui na Bahia o primeiro contrato próprio de manutenção predial? Como fechar os olhos para o fato de que os mais de 200 projetos de pesquisa e extensão executados nesse campus...”, com forte inserção nos territórios, com importantes reflexões sobre os países africanos, “(...) ocorrem no mesmo prédio doado pela prefeitura na gestão de Rilza Valentim, com dez salas de aula?...”

São 9 anos fazendo tudo isso em 10 salas de aula, usando emprestadas as escolas da prefeitura.

(Lê) “(...) Como esquecer que dona Berenice Borges, a dona Biu, ainda não recebeu seu merecido Título de Mestra em Notório Saber, tendo este sido aprovado em mérito por comissão técnica especializada e em conformidade com resolução de vanguarda aprovada pelo Consuni?...” (Palmas)

Aliás, eu peço licença para fazer um pedido público de desculpas, em nome desta instituição, à nossa mestra mãe Biu, que tanto nos ensina no Campus dos Malês e ali no território do Recôncavo. Preciso pedir em seu nome, enfim... O seu filho Katilemba viria aqui, mas não pôde vir, então eu peço licença a Victor, que é filho daquela casa também, professor Victor Martins, peço licença para, em seu nome, apresentar aqui o nosso pedido de desculpas à mãe Biu, do Terreiro Mokumbogirê Dya Nzambi.

Mas o que seria do Campus dos Malês sem as redes, não é, sem as nossas redes, sem as redes com as outras instituições de ensino superior, não é, professor Aécio, sem a Ufba, sem a UFRB, sem a Uneb, sem a Uefs, sem o Ifba, sem... a Ufob? Eu não posso

esquecer de ninguém, vixe, mas, enfim, o que seria sem todas, sem a Uneb, com a professora Adriana Marmori, uma amiga querida também?

O que seria de nós sem essas redes? O que seria de nós sem a Apub Sindicato, sem a Assufba Sindicato, sem os movimentos negros organizados, sem o Sindsefran, sem o apoio de parlamentares, dos vereadores e vereadoras de São Francisco do Conde, de deputados estaduais, de deputados federais, de modo suprapartidário, viu, pessoal, apesar do meu casaco vermelho? O que seria de nós sem a militância apaixonada, engajada, do Diretório Central de Estudantes e da Associação de Estudantes e Amigos da África (Asea)?

Bom, eu poderia explicar várias coisas e apresentar várias justificativas para todas essas contradições que nos marcaram ao longo desses anos, mas eu preciso falar de uma outra coisa para responder uma pergunta que me fizeram recentemente, que foi assim: “Mírian, como é que você explica que, com tantas dificuldades, esse campus, onde funciona o Instituto de Humanidades e Letras, tem seus cursos avaliados com notas máximas pelo MEC?”

Como é que a gente explica um negócio desse, não é? Quatro cursos com nota 5, que é o conceito máximo, cursos excelentes, e dois com nota 4, cursos muito bons. (Palmas) Com a licença da quebra de decoro, é que a gente “broca”, não é? (Risos)

Bom, (lê) “(...) a essa pergunta eu posso responder sem titubear: fazemos isso graças ao engajamento de nossa comunidade, ao espírito de resiliência que nos une (mesmo quando atravessamos nossos perrengues internos)...”, porque eles existem, não pensem que tudo são flores, as flores têm espinhos às vezes, mas a gente credita isso também (lê) “(...) à qualidade de um corpo docente formado por doutores de várias nacionalidades e áreas de formação, à competência de cada técnico e técnica administrativo que, muitas vezes trabalhando sozinho ou quase sozinho no setor, dá conta de demandas enormes, não é, Marcos? Marcos é testemunha disso, é o único engenheiro que nós temos no campus para cuidar de todo o planejamento de infraestrutura e manutenção daquele nosso lugar.

As nossas excelentes avaliações refletem nossa expertise em educação antirracista, de currículos decoloniais, atenta às diretrizes do ensino para as relações etnico-raciais e às necessidades do Brasil e dos países africanos que formam a nossa comunidade. Isso se expressa magistralmente nas nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão, com destaque para projetos como o Bibliotécnica Náutica, Facu das Crias, Andanças, Latitudes Africanas, Gimú, o Emancipa Malês, que faz um trabalho fundamental de formar jovens para entrar na universidade. É um cursinho popular que visa formar os jovens para que eles tenham acesso à universidade pública, tanto do Brasil, para fazer o Enem, quanto dos países africanos, para fazer o processo seletivo da Unilab. A *TV Matracas*, a *TV Malês*, que eu preciso saudar aqui, que está aqui, fazendo a cobertura também. Mas também a relevância de publicações como “*A gente já nasceu quilombola e não sabia: Histórias do Monte Recôncavo*”, porque a gente está lá, no território, está nas comunidades tradicionais, está no assentamento e está também em África, além do que poderíamos chamar de “a menina dos nossos olhos”, que é o Festival das Culturas. Gente, o festival das culturas é um negócio que vocês têm de ir para ver porque, se eu falar aqui, vocês vão dizer que Mírian é apaixonada

demais. Mas a gente deseja, inclusive, que em breve o Festival das Culturas possa ser incluído tanto no calendário cultural de São Francisco do Conde, dos municípios do entorno – e aqui eu já estou, viu, vereadores e vereadoras, defendendo aí uma causa para nós –, mas também no calendário cultural do Estado da Bahia pelo modo como articula ali diversas manifestações e grupos culturais daquela região toda e, com essa integração, com os saberes africanos que a nossa comunidade traz.

Aí, eu teria que falar também do conjunto de atividades promovidas pelo Nulim - Núcleo de Línguas do Malês e pelo CEA - Centro de Estudos Africanos. Enfim, os nossos resultados são o espelho do que temos de melhor: a nossa gente. É assim que estudantes africanos vencem a saudade, os desafios de adaptação, as variedades das múltiplas línguas portuguesas e nacionais que fazem do restaurante universitário um lugar de sonoridade única. É assim que vamos estreitando os laços com o município de São Francisco do Conde, mas também com os vizinhos, e vamos deixando de ser, aos poucos, forasteiros para dizer, cada vez mais, que aquela cidade é também nossa. E nessa construção cotidiana é preciso destacar que é ali, onde nasce o embrião de importantes rebeliões que culminaram na independência do Brasil, que a Unilab constrói novas revoluções.

Depois de 9 anos, nossa comunidade, o seu território, as relações estabelecidas com a África mostram que agora, quando a democracia retoma o seu assento no governo deste país porque o presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou, é hora de falar em consolidação e emancipação. É hora de lutar por tornar o Campo dos Malês, com toda a força deste nome que ele carrega, na nova universidade federal baiana porque a Bahia precisa de uma universidade negra, antirracista, democrática, inclusiva e cidadã neste que é o único estado do Brasil a ter, por exemplo, uma Secretaria de Promoção da Igualdade Racial neste Estado negro, libertário em que fascista não se cria! (Palmas)

A implantação de uma nova universidade federal e internacional neste território, a partir da emancipação do Campus dos Malês, une duas pontas da História brasileira, não é, professor Marivaldo, professor Erick, os colegas da História que estão aqui? No lugar onde foi fundada por D. Pedro II a Imperial Escola Agrícola como símbolo de prosperidade através da educação, a Unilab promove nova independência e pode trazer, como mote e marco emblemático, viu, deputado Rosemberg? Inclusive para as celebrações do bicentenário da Independência, o reconhecimento das lutas populares negras e indígenas neste ano tão especial.

A proposta não parte apenas do sonho de uma sociedade mais justa, e olhe que isso não é pouco, sonhar com uma sociedade mais justa, mas do reconhecimento de que a Bahia pode assumir o protagonismo na refundação nacional e a educação superior antirracista é um dos vetores para essa construção. A Bahia, que promoveu a independência 200 anos atrás e promoveu de novo nessa última eleição, pode ser esse estado pioneiro.

A proposta de uma nova universidade baiana, federal e internacional, visa também a atender à demanda de oferta de ensino superior para um conjunto de municípios que ficam em uma espécie de zona sombreada em que as demais instituições de ensino superior públicas ainda não chegam. Os estudantes brasileiros do Campus dos Malês, por exemplo, vêm de São Francisco do Conde, Santo Amaro,

Candeias, Madre de Deus, São Sebastião do Passé, Saubara, Simões Filho, Dias d'Ávila, Camaçari e Salvador.

Dentre os estudantes brasileiros, é preciso destacar que mais de 10% deles são estudantes quilombolas e indígenas e em sua maioria mulheres, lideranças quilombolas em sua grande maioria. Isso significa dizer que, se a gente não tivesse ali, nesse tamaninho nosso, mas nessa giganteza que nós temos, essas pessoas não teriam acesso à universidade pública.

Então, defender a emancipação do Campus dos Malês, com a ampliação da oferta de cursos e com a implantação, por exemplo, do curso de graduação em Medicina (pactuado com o MEC desde 2015), é pensar em alcançar um território ainda maior.

O Hino ao Dois de Julho traz a marca fundamental do tipo de liberdade que a educação, entre outras ações de cidadania, promove. Vocês se lembram? O hino diz assim: “Nunca mais, nunca mais o despotismo/Regerá, regerá nossas ações/Com tiranos não combinam/ Brasileiros, brasileiros corações!”

Da Bahia para o mundo, a emancipação do Campus dos Malês em nova universidade federal e internacional, afro-brasileira e decolonial será não apenas um marco comemorativo do bicentenário da Independência da Bahia e, portanto, do Brasil, mas um aceno para o Brasil e para o mundo de que a Bahia continuará exercendo o papel de pioneirismo nas políticas públicas de combate ao racismo, de promoção da reparação e igualdade racial e de construção de um novo país verdadeiramente democrático porque antirracista, justo e cidadão.

Esperamos contar com o apoio da sociedade civil organizada, dos movimentos sociais, que nos sustentaram até aqui, das bancadas da Bahia nesta Casa e no Congresso Nacional, com as gestões das outras universidades e institutos que são parceiros da Unilab, que entendem que, no nosso caso, quanto mais é, sim, melhor, e nem sempre 2 e 2 dá 4. Caetano já disse que tudo está certo como 2 e 2 são 5. E é o que a gente quer, que seja mais. E a gente conta também com esse apoio. Inclusive, foram as universidades, os institutos federais e as universidades estaduais daqui, da Bahia, sempre tão parceiras, que seguraram nossa mão em tantos momentos de mais vulnerabilidade institucional. Seguindo os passos de sabinos, bantus, malês, a Bahia, com sua nova universidade, continuará dando régua e compasso para o Brasil, ensinando caminhos e canções de liberdade.

Encerro aqui a minha fala, já alongada, com um pedido de desculpas pelo tempo avançado, mas com um poema que eu adoro recitar em momentos de grande emoção da nossa comunidade. Quem é de casa já sabe, mas achei importante trazer para cá porque acho que ele fala muito dessa luta nesses 9 anos. Ele é da escritora Miriam Alves e se chama "*Mahin Amanhã*", e diz assim:

“Ouve-se nos cantos a conspiração/ vozes baixas sussurram frases precisas/
escorre nos becos a lâmina das adagas/ Multidão tropeça nas pedras/ Revolta/ há
revoada de pássaros/ sussurro, sussurro:/ “é amanhã, é amanhã./ Mahin falou, é
amanhã”/ A cidade toda se prepara/ Malês/ bantus/ geges/ nagôs/ vestes coloridas
resguardam esperanças/ aguardam a luta/ Arma-se a grande derrubada branca/ a luta é

tramada na língua dos Orixás/ "é aminhã, aminhã"/ Malês/ bantus/ geges/ nagôs/ "é aminhã, Luiza Mahin falô".

Diante do que fizemos aqui, hoje, eu ousaria dizer, com licença para a rasura poética, que, para o Campus dos Malês da Unilab, o amanhã chegou e é hoje.

Males resiste! Malês resiste! Malês resiste!

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigada, minha querida Míriam, parabéns pelas palavras.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): E nós temos que encerrar este evento aqui com muita alegria. Só falta agora a nossa querida secretária da Educação, a nossa querida Adélia, que representa aqui o nosso governador Jerônimo Rodrigues. Mas, da mesma maneira que eu recebi Míriam com música, eu também quero receber vocês com muita alegria, e quem vai fazer essa alegria não será aquele grupo ali, não, será esse time que está aqui.

Por isso que eu quero chamar aqui, para uma apresentação de mística, o grupo Cabaz Garandi. Cadê essa turma para a gente botar aqui. Para receber a nossa secretária Adélia com muita alegria, que representa o nosso governador Jerônimo Rodrigues.

Cadê a turma, está preparada aí?

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. Alfa dos Santos: Boa tarde a todos e a todas.

Em nome do grupo de extensão de dança tradicional Cabaz Garandi, da Guiné-Bissau, saúdo todas as autoridades, começando com o Sr. Deputado e a professora Míriam, diretora do Campus dos Malês, e demais professores e colegas estudantes presentes.

Estamos aqui para representar, ou seja, para demonstrar esta diversidade, esta integração da nossa universidade Campus dos Malês.

Este é o grupo Cabaz Garandi de dança tradicional, lançado desde 2019, com o seu primeiro coordenador, que é o professor Carlos Guerola, nossa saudação, e hoje é coordenado pela professora Rutte Andrade.

Vamos apresentar um pouco do grupo com dança tradicional da Guiné-Bissau. Entre as danças que vamos apresentar aqui, vai ser a dança do povo balanta e a dança do povo fula. Inicialmente, vamos representar a dança de fula. E eu não vou falar muito. Acho que vocês vão gostar. Eu quero que vocês apreciem bastante. E é isso.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. Alfa dos Santos: Vamos fechar com um ritmo muito mais quente para fazer todo mundo, aqui, dançar e mostrar a nossa energia.

Agora, é a dança de gumbé. Gumbé é a dança de todos os grupos, ou seja, não tem um grupo específico que é apropriado dessa dança. É dança que nós usamos nos

momentos de *mandjuandadi*, é momento em que nós compartilhamos a nossa alegria, falamos sobre a nossa atividade do dia a dia e muito mais. Então, vamos tentar representar aqui.

Queremos ver todo mundo se mexer um pouco para deixar muito mais animado aqui.

(Procede-se à apresentação musical e artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Valeu, pessoal! Que maravilha.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Na realidade, eu chamei a nossa secretária da Educação, Adélia Pinheiro, para falar. De repente, ela está ali embaixo, dançando. Eles estão fazendo a foto lá embaixo. Então, “bora” fazer a foto aqui em cima. Vocês podem parar e se sentar, pois, daqui a pouco, a gente vai fazer festa. Adélia, tem um coquetel aí, mas eu prometo liberar o coquetel depois que a gente cantar o Hino ao Dois de Julho.

Em nome do governador Jerônimo Rodrigues, vamos ouvir a nossa querida secretária da Educação, Adélia Pinheiro.

A Sr.^a ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO: Então, olha, há uma coisa que o nosso governador Jerônimo Rodrigues me ensinou a ter. Foram sensibilidade e juízo. Vou mostrar como.

Quero compartilhar a minha fala a partir da alegria trazida ao ambiente desde o início da manhã, coroada com a apresentação do grupo Cabaz Garandi. Acertei o nome? Peço, sim.

(Participantes da sessão respondem: Sim.)

A Sr.^a ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO: Olha, vamos lá. A alegria da palma. Como é bom isso! (Palmas) Como é bom estarmos aqui. Eu vou fazer os cumprimentos.

Cumprimento a Mesa, em especial, o nosso deputado Rosemberg Pinto, proponente desta sessão especial que nos traz unidos, ao longo desta manhã e início da tarde, na congratulação a um projeto, uma ação tão exitosa como é Campus dos Malés.

Cumprimento a deputada Neusa Cadore. Eu vou ser bem breve nos cumprimentos, mas sem deixar de fazer um cumprimento especial a cada um. Cumprimento a colega e querida secretária Ângela Guimarães; Cláudia Carioca, vice-reitora da Unilab; Aécio, querido reitor do Instituto Federal Baiano; Mônica Aragão, coordenadora do Núcleo de Atuação da Defensoria, já pedindo que leve cumprimento especial à defensora Firmiane Venâncio; Antônio dos Santos Lopes, Pantera, presidente da Câmara Municipal de São Francisco do Conde; Marivaldo do Amaral, vereador do município de São Francisco do Conde – que coisa a sua fala! Como diz o que é intencionalidade na vida e o que a intencionalidade nos faz caminhar, então, os meus cumprimentos e obrigada por compartilhar –; Sueide Menezes, representante do Diretório Central dos Estudantes do Campus dos Malês – ao cumprimentá-la, estendo os meus cumprimentos a todos os estudantes e a todas as estudantes presentes, do Campus dos Malês, da Unilab; Marcus Dias, representante do corpo técnico-administrativo do Campus dos Malês; Iuri Rosário, representante dos estudantes egressos do Campus dos Malês – que coroação, hein? – Jaque Mario Almeida Ié,

representante do corpo discente de Relações Internacionais da Unilab; Rutte Tavares Cardoso Andrade, coordenadora do Centro de Estudos Africanos.

Eu acredito ter cumprimentado todos os membros da Mesa, quer dizer, quase todos, porque eu deixei alguém por último. Por último, eu deixei para cumprimentar aquela pessoa, porque ela representa o que é a natureza, o que é o espírito, o que é a alma do Campus dos Malês, a diretora da Unilab, diretora Mírian Sumica Carneiro Reis. Que bom estar com você hoje. Que bom! É a minha admiração, é o respeito a uma mulher que, vestida de vermelho, me representa. Isso é bom!

Mas eu quero trazer o cumprimento especial. E, com o orgulho e a honra de representar o nosso governador Jerônimo Rodrigues, eu gostaria de falar do que vi, mas vi aquilo, a emoção, a natureza, de novo, a alma do Campus dos Malês, a Unilab. Vou dizer por quê.

Quando a gente se senta ali, a gente tem a oportunidade de olhar enxergando as pessoas, pessoas que não se sentem observadas. Portanto, muitas vezes, elas se desnudam. Então, eu vi, repito, eu vi, além da bandeira do Brasil, seis outras bandeiras nacionais. Isso não é por acaso. Isso tem uma intencionalidade.

Eu vi, também, seis hinos, além do hino brasileiro. Também, isso não é por acaso. Na execução do hino, eu vi, certamente, estudantes que estavam aqui. Uns cantavam e outros calavam. Depois, em outro hino, uns cantavam, mudando e mostrando que esses estados nacionais, aqui, estavam representados não somente com suas bandeiras e a intencionalidade brasileira, mas, sim, com pessoas que vivenciam isso.

Mas eu vi mais. Eu vi também o que muito me emocionou na hora e agora. Vejam, de novo, me emociona. Eu vi uma jovem que... Bem, olhem a minha narrativa, a narrativa criada por mim, porque eu supus o seguinte. Eu vi uma jovem que, na execução de um determinado hino, chorou... A oradora se emociona. (Palmas)

Eu não a conheço. Mas ela, novamente, revia esse momento, eu acredito. Ela chorou!

Para mim, esse choro é a representação do que é o espírito da ação brasileira que levou, lá atrás, o Brasil, enquanto Estado nacional, a assumir responsabilidade, reparação, resistência e reconhecimento.

Quanto às duas universidades internacionais de integração, elas resultam de uma intencionalidade brasileira. Não sei. Não sou profunda conhecedora desse movimento internacional. Mas, certamente, em poucos estados nacionais, um movimento que surge na diplomacia como sinal que o Brasil, àquela época, deu ao mundo, trazendo a criação de universidades internacionais de integração.

No caso da Unilab, ela representava, além desse sinal, o movimento de reparação de reconhecimento de que este país, não importa em que momento da sua formação, sequestrou, expatriou pessoas e as trouxeram para cá. Nós somos, sim, o resultado do povo de África que, aqui, chegou. Mas isso não permite que esqueçamos o que aconteceu com o povo de África que saiu, de lá, sequestrado, trazido contra a própria vontade, para o nosso território brasileiro.

Não era e não é possível que o Estado brasileiro fizesse com isso como fez em outras situações: varrendo para debaixo do tapete. Não há. Portanto, um sinal como

este, dado, lá atrás, no nosso governo, com o nosso presidente Lula, me representa, nos representa.

O Campus dos Malês representa a resistência e a intencionalidade de um presidente de uma nação, um presidente que voltou – como já dito tantas vezes aqui – a este momento. Ainda bem que é assim que ocorre quando nós... E eu me sinto, novamente, representada pelo presidente Lula.

Essa também é a importância que o Campus dos Malês tem para a Bahia. Eu preciso falar a respeito disso e é importante que falem. A Bahia – como estado que é, em sua grande maioria, formado de pretos – se representa e está representada no campus da Unilab, em São Francisco do Conde. Ver todo mundo aqui, em festa, porque é festa hoje. É festa todo dia, mas é festa hoje, quando reconhecemos esse movimento.

É importante falar que a Unilab, na Bahia, faz parte, compõe um mosaico de 12 instituições de ensino superior públicas: 4 estaduais e 8 federais, das quais 6 são instituições universitárias e 2 são institutos federais. Esse é o nosso conjunto. A participação e a descentralização do ensino superior público federal na Bahia se deu muito recentemente, a partir do governo Lula.

E ele precisa avançar. Precisa avançar! Temos, ainda, no nosso estado, zonas importantes, territórios de identidade, onde não há a presença de instituições públicas federais de ensino superior. E esse é um compromisso do nosso governador Jerônimo Rodrigues, já apresentado ao ministro Camilo em audiência que participamos, logo no primeiro mês de governo.

Precisamos discutir isso, ampliar, entender. Entender o propósito, inclusive, de termos um campus da Unilab aqui, o propósito que se espraia para o nosso território e como isso pode atender a uma política necessária de ampliação da presença do ensino superior público federal no nosso território.

Eu não posso deixar de destacar também, nesta Casa, deputado Rosemberg, de ressaltar uma fala da deputada Olívia, que me antecedeu, do fato de o governador, essa semana, ter encaminhado, aqui para a Assembleia, um conjunto de iniciativas que se voltam para a valorização do professor da educação básica estadual, mas também da educação superior. E, claro, trazer a minha enorme satisfação de fazer parte desse momento. Portanto, um registro importante.

Mas eu vou caminhar um pouquinho mais, usando de enorme sabedoria, para dizer aqui que ressaltar, nesse momento, o compromisso do governo do estado da Bahia por uma educação de qualidade, antirracista, de relevância para as nossas juventudes e para toda nossa população é o que nos faz aqui, nesta manhã, juntar as nossas emoções, a nossa alma, as nossas intencionalidades à Unilab Campus dos Malês, para dizer, com toda sabedoria ensinada pelo nosso governador Jerônimo Rodrigues: viva o Campus dos Malês! Viva a Unilab na Bahia! Viva a intencionalidade de respeitar, de trazer para nós, aqui na Bahia, os povos de África que estão presentes no nosso cotidiano! Viva o Campus dos Malês!

Obrigada por este dia de hoje. Obrigada, gente! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Obrigada, minha querida Adélia. Parabéns!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Olha, nós vamos encerrar com uma música. Não foi à toa, não, eu nem conhecia esse grupo, mas eu fiquei, assim, entusiasmado.

Quero agradecer à secretária Adélia pelas palavras e levar ao nosso governador que a gente quer uma caminhada para melhorar mesmo e ampliar nossa Unilab.

Eu pedi a eles para a gente fazer o encerramento cantando um chorinho de Pixinguinha que eu gosto muito. Porque o pessoal conhece muito Pixinguinha da música *Carinhoso*, mas ele tem um choro chamado *Lamento*, que é uma coisa belíssima, e nós vamos encerrar ouvindo-o.

Mas, para encerrar, eu queria dizer para vocês que este é um momento especial para a Assembleia Legislativa. Hoje é dia 5; o aniversário da Unilab é no dia 12; no dia 13, vendeu-se bastante que era o fim da escravidão; no dia 14, Jorge Portugal fez uma reflexão sobre o dia 13. E eu não podia encerrar aqui sem dizer isso, desse amigo nosso, negro, da cidade de Santo Amaro, que escreveu *14 de Maio*, cantada pela maior voz que eu conheço no Brasil: Lazzo Matumbi, um negão bonito, com uma voz esplendorosa. E ele diz o seguinte:

(O Sr. Presidente Rosemberg Pinto canta: “*No dia 14 de maio, eu saí por aí
Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir
Levando a senzala na alma, eu subi a favela
Pensando em um dia descer, mas eu nunca descí*

*Zanzei zonzinho em todas as zonas da grande agonia
Um dia com fome, no outro sem o que comer
Sem nome, sem identidade, sem fotografia
O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver*

*No dia 14 de maio, ninguém me deu bola
Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver
Nenhuma lição, não havia lugar na escola
Pensaram que poderiam me fazer perder*

*Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta
Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu
A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa
Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu”)* (Palmas)

Essa é a negritude, esse é o 14 de maio. Viva Jorge Portugal, que fez essa bela melodia, refletindo que, no outro dia, nós éramos a mesma coisa do dia 13. Mas são com essas ações que a gente pode mudar esse 13 de maio e construir, realmente, uma sociedade igual.

Então vamos encerrar ouvindo *Lamento*, do grande, um dos maiores astros, um negão, que compôs essa bela melodia chamada *Lamento*.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto): Que beleza! Quero parabenizar e agradecer ao grupo Tico-Tico no Dendê; agradecer também ao grupo Cabaz Garandi; agradecer a todas as pessoas que aqui estiveram. Acho que esta é uma sessão que orgulha a Assembleia Legislativa.

Quero encerrar dizendo, meus queridos vereadores e vereadoras de São Francisco do Conde, que, em uma das últimas vezes que me sentei com Rilza Valentim para conversar, estavam ela e o esposo, nós falávamos sobre conspiração, que é citada no poema que você recitou em sua fala, minha querida Mírian. Marivaldo, como historiador, deve saber que uma das primeiras conspirações que aconteceram no Brasil após a Proclamação da República foi, exatamente, em São Francisco do Conde.

E parece-me que a gente não percebeu que está na hora de a gente se juntar, se unir, sem esse olhar conspiratório, entendendo que é com a conjunção das ideias, mesmo com as diferenças, que a gente pode fazer essa cidade melhor, mais agradável para todos. E ela tem hoje, lá, uma significação extremamente importante, que é a de acolher todas essas pessoas que vêm de outros países e daqui do Brasil, e que a gente pode, com isso, nos juntar para construir um Brasil melhor, a partir de São Francisco do Conde.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos vocês e declaro encerrada a presente sessão.

Aqui do lado, vamos ter um bolinho e um lanchinho para a gente comemorar e cortar o bolo do aniversário.

Muito obrigado! Um abraço a todos vocês.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.